



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2021/22**
2º LEVANTAMENTO

NOVEMBRO 2021

VOLUME 9
NÚMERO

2

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor-Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Augusto Sanches Ribeiro

Diretor-Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor-Executivo Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor-Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

José Jesus Trabulo de Sousa Júnior

Diretor-Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Sérgio De Zen

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Candice Mello Romero Santos

Gerência de Acompanhamento de Safras (Geasa)

Maurício Ferreira Lopes

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Patrícia Maurício Campos

Equipe técnica da Geasa

Carlos Eduardo Gomes Oliveira
Eledon Pereira de Oliveira
Francisco Olavo Batista de Sousa
Jeferson Alves de Aguiar
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe técnica da Geote

Eunice Costa Gontijo
Fernando Arthur Santos Lima
Joaquim Gasparino Neto
Lucas Barbosa Fernandes
Rafaela dos Santos Souza
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Superintendências regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Colaboradores

Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Fernando Gomes da Motta (Gerpa - milho); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo); João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Geiap - arroz).

Colaboradores das superintendências

André Marques (AC); Adeildo Gomes de Santana Júnior e Bruno Barros Iales da Silva (AL); Glenda Queiroz e Thiago Augusto Maia (AM); Ednabel Lima, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro e Orfrezino Ramos (BA); Fábio Barbosa Ferraz, Elibernon Alves da Silva, José Iranildo da Silva Araújo, Luciano Gomes da Silva, Lincoln Sarli Cesar Guedes Lima, Lindeberg da Silva Magalhães, Flavio Henrique Linhares Magalhães, Francisco Antônio de Oliveira Lobato e Adriano José Rodrigues de Oliveira (CE); José Negreiros e Neodir Luiz Talini (DF); Espedito Leite Ferreira, Gerson Menezes de Magalhães, Lucas Cortes Rocha, Michel Fernandes Lima, Rogério César Barbosa, Ronaldo Elias Campos e Zirvaldo Zenid Virgolino (GO); Fernanda Karollyne Saboia do Nascimento, Margareth de Cássia Oliveira Aquino, Raimundo Nonato Araújo de Melo e Rogério Prazeres da Silva (MA); José Henrique Rocha Viana de Oliveira, Warlen César Henriques Maldonado, Alessandro Lúcio Marques, Márcio Carlos Magno, Hélio Maurício Gonçalves de Rezende, Matheus Carneiro de Souza, Samuel Valente Ferreira, Patrícia De Oliveira Sales e Pedro Pinheiro Soares (MG); Adirson Moreno Peixoto, Edson Yui, Getúlio Moreno, Lucílio de Matos Linhares e Marcelo de Oliveira Calisto (MS); Benancil Filho, Daniel Moreira, Gabriel Heise, Ismael Júnior, Patrícia Leite, Raul Azevedo, Rodrigo Slomoszynski e Rogério Souza (MT) Alexandre Augusto Pantoja Cidon e Raimundo Nonato da Cruz Filho (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Herivelton Marculino da Silva, Rodrigo Rogerio da Silva e Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça e Tito Stelmachuk (PR); Edgard Sousa Sobrinho, Hécio de Melo Freitas, Francisco Honorato de Sousa, Antônio Cleiton Vieira da Silva, Thiago Pires de Lima Miranda e Valmir Barbosa de Sousa (PI); Rafael Vagner Oliveira Machado (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Janderson Maues do Nascimento e Karina de Melo (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Luciana Dall'Agnese, Marcio Renan Weber Schorr e Iure Rabassa Martins (RS); Marcelo Siste Campos, Ricardo Agustini Paschoal e Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bonfim de Oliveira Santos Júnior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes e Flaviano Gomes dos Santos (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli e Ivan Donizetti (SP); Felipe Thomaz de Souza Carvalho e Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondonia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronomico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bonco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG) ; Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ) ; Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).



ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

GRÃOS | **SAFRA 2021/22**
2º LEVANTAMENTO

Copyright © 2021 – Companhia Nacional de Abastecimento – Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Editoração

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Guilherme dos Reis Rodrigues, Juliana Pacheco de Almeida, Luiza Aires, Marília Yamashita e Martha Helena Gama de Macêdo

Fotos

Capa: Acervo Conab

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Como citar a obra:

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos, Brasília, DF, v. 9, safra 2021/22, n. 2 segundo levantamento, novembro. 2021.

Dados Internacionais de Catalogação (CIP)

C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos – v.1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out/2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977 -1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-)

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

CDU: 633.61 (81) (05)

Ficha catalográfica elaborada por Thelma Das Graças Fernandes Sousa CBR-1/1843

SUMÁRIO

CLIQUE NOS ÍCONES À DIREITA E ACESSE OS CONTEÚDOS

9	RESUMO EXECUTIVO
16	INTRODUÇÃO
18	ANÁLISE CLIMÁTICA
24	ANÁLISE DAS CULTURAS
24	ALGODÃO
31	ARROZ
38	FEIJÃO
47	MILHO
62	SOJA
75	TRIGO
82	OUTRAS CULTURAS DE VERÃO
86	OUTRAS CULTURAS DE INVERNO



RESUMO EXECUTIVO

A estimativa da área a ser cultivada no país para a safra 2021/22 é de 71,8 milhões de hectares, um crescimento de 4,1% em relação à safra anterior. Nesse total estão incluídas as culturas de primeira safra, semeadas entre agosto e dezembro de 2021, as de segunda safra, semeadas entre janeiro e abril de 2022 e as culturas de terceira safra, semeadas entre meados de abril a junho de 2022.

A segunda estimativa para a safra que se inicia indica um volume de produção de 289,8 milhões de toneladas, 14,7% ou 37 milhões de toneladas superior ao obtido em 2020/21, com destaque para o aumento na produção da cultura de soja, com crescimento de 3,5% na área a ser cultivada e para o milho, sobretudo o de segunda safra, que foi severamente afetado pela situação climática adversa na safra anterior.

Devido às indefinições com relação à produtividade a ser obtida das culturas que serão cultivadas, neste levantamento para o cálculo das estimativas das produtividades utiliza-se métodos estatísticos.

CLIQUE NOS ÍCONES À ESQUERDA E ACESSE OS CONTEÚDOS

TABELA 1 - ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA - EM 1.000 HA

Brasil	Estimativa de área plantada			Safras 2020/21 e 2021/22			
Culturas de verão	Safras			Variação			
	20/21	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão	1.370,6	1.510,9	1.497,5	(0,9)	9,3	(13,4)	126,9
Amendoim total	165,6	171,4	171,6	0,1	3,6	0,2	6,0
Amendoim 1ª safra	159,8	165,6	165,8	0,1	3,8	0,2	6,0
Amendoim 2ª safra	5,8	5,8	5,8	-	-	-	-
Arroz	1.677,3	1.703,2	1.682,6	(1,2)	0,3	(20,6)	5,3
Arroz sequeiro	373,8	373,7	356,4	(4,6)	(4,7)	(17,3)	(17,4)
Arroz irrigado	1.303,4	1.329,5	1.326,2	(0,2)	1,7	(3,3)	22,8
Feijão total	2.923,6	2.946,0	2.909,0	(1,3)	(0,5)	(37,0)	(14,6)
Feijão total cores	1.212,0	1.228,7	1.204,1	(2,0)	(0,7)	(24,6)	(7,9)
Feijão total preto	361,8	364,8	354,0	(3,0)	(2,2)	(10,8)	(7,8)
Feijão total caupi	1.349,8	1.352,5	1.350,9	(0,1)	0,1	(1,6)	1,1
Feijão 1ª safra	909,2	916,8	894,6	(2,4)	(1,6)	(22,2)	(14,6)
Cores	367,1	378,2	359,2	(5,0)	(2,2)	(19,0)	(7,9)
Preto	162,4	156,1	154,6	(1,0)	(4,8)	(1,5)	(7,8)
Caupi	379,7	382,5	380,8	(0,4)	0,3	(1,7)	1,1
Feijão 2ª safra	1.446,5	1.456,4	1.446,5	(0,7)	-	(9,9)	-
Cores	356,9	357,5	356,9	(0,2)	-	(0,6)	-
Preto	182,8	192,1	182,8	(4,8)	-	(9,3)	-
Caupi	906,7	906,8	906,8	-	-	-	0,1
Feijão 3ª safra	567,9	572,8	567,9	(0,9)	-	(4,9)	-
Cores	488,0	493,0	488,0	(1,0)	-	(5,0)	-
Preto	16,6	16,6	16,6	-	-	-	-
Caupi	63,4	63,2	63,3	0,2	(0,2)	0,1	(0,1)
Gergelim	143,5	143,5	143,5	-	-	-	-
Girassol	31,7	31,7	31,7	-	-	-	-
Mamona	47,0	50,0	50,0	-	6,4	-	3,0
Milho total	19.931,4	20.865,2	20.888,7	0,1	4,8	23,5	957,3
Milho 1ª safra	4.347,4	4.414,8	4.457,2	1,0	2,5	42,4	109,8
Milho 2ª safra	14.999,2	15.865,5	15.846,6	(0,1)	5,6	(18,9)	847,4
Milho 3ª safra	584,8	584,9	584,9	-	-	-	0,1
Soja	38.925,5	39.915,2	40.273,6	0,9	3,5	358,4	1.348,1
Sorgo	864,6	864,6	864,6	-	-	-	-
Subtotal	66.080,7	68.201,7	68.512,8	0,5	3,7	311,1	2.432,1
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	425,7	448,8	449,0	-	5,5	0,2	23,3
Canola	35,3	39,2	39,2	-	11,0	-	3,9
Centeio	4,7	4,8	4,9	2,1	4,3	0,1	0,2
Cevada	103,4	111,4	111,4	-	7,7	-	8,0
Trigo	2.341,5	2.706,2	2.715,4	0,3	16,0	9,2	373,9
Triticale	15,6	15,8	15,8	-	1,3	-	0,2
Subtotal	2.926,2	3.326,2	3.335,7	0,3	14,0	9,5	409,5
Brasil	69.006,9	71.527,9	71.848,5	0,4	4,1	320,6	2.841,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

TABELA 2 - ESTIMATIVA DA PRODUTIVIDADE DE GRÃOS - EM KG/HA

Brasil	Estimativa da produtividade de grãos			Safras 2020/21 e 2021/22			
Produto	Safras			Variação			
	20/21	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	2.506	2.584	2.582	(0,1)	3,1	(1,7)	76,6
Algodão em pluma	1.719	1.772	1.772	-	3,1	(0,6)	53,0
Amendoim total	3.604	3.634	3.634	-	0,8	(0,0)	30,0
Amendoim 1ª safra	3.682	3.704	3.704	-	0,6	(0,7)	22,1
Amendoim 2ª safra	1.481	1.641	1.657	1,0	11,9	16,2	176,4
Arroz	7.007	6.811	6.858	0,7	(2,1)	46,5	(148,9)
Arroz sequeiro	2.465	2.472	2.429	(1,8)	(1,5)	(43,7)	(35,8)
Arroz irrigado	8.310	8.031	8.048	0,2	(3,2)	17,2	(261,8)
Feijão total	984	1.009	1.067	5,7	8,5	57,8	83,3
Feijão total cores	1.465	1.472	1.571	6,7	7,3	98,8	106,3
Feijão total preto	1.315	1.360	1.421	4,5	8,1	61,5	106,5
Feijão total caupi	463	494	525	6,2	13,4	30,8	61,9
Feijão 1ª safra	1.074	1.146	1.131	(1,3)	5,3	(14,8)	57,0
Cores	1.657	1.666	1.688	1,3	1,8	21,3	30,2
Preto	1.529	1.649	1.573	(4,6)	2,9	(75,4)	44,1
Caupi	316	426	427	0,1	35,2	0,6	111,2
Feijão 2ª safra	775	784	885	12,9	14,2	101,0	110,2
Cores	1.223	1.247	1.464	17,4	19,7	216,6	241,0
Preto	1.178	1.180	1.366	15,8	15,9	185,9	187,7
Caupi	518	518	561	8,3	8,3	42,8	43,0
Feijão 3ª safra	1.370	1.362	1.428	4,9	4,3	66,3	58,5
Cores	1.497	1.487	1.564	5,2	4,5	77,2	67,0
Preto	725	725	618	(14,7)	(14,7)	(106,8)	(106,8)
Caupi	561	560	598	7,0	6,8	38,9	37,9
Gergelim	395	572	547	(4,4)	38,4	(25,5)	151,8
Girassol	1.143	1.572	1.683	7,0	47,2	110,6	539,9
Mamona	582	668	668	-	14,7	-	85,3
Milho total	4.366	5.575	5.587	0,2	28,0	12,8	1.221,2
Milho 1ª safra	5.687	6.416	6.417	-	12,8	0,3	730,1
Milho 2ª safra	4.050	5.441	5.443	-	34,4	2,5	1.393,6
Milho 3ª safra	2.669	2.850	3.171	11,3	18,8	321,3	501,9
Soja	3.528	3.526	3.526	-	-	(0,2)	(1,7)
Sorgo	2.410	2.843	2.843	-	18,0	-	432,9
Subtotal	3.711	4.088	4.094	0,1	10,3	6,0	383,0
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	1.987	2.426	2.421	(0,2)	21,8	(5,0)	434,0
Canola	912	1.554	1.403	(9,7)	53,8	(151,0)	491,0
Centeio	2.213	2.521	2.449	(2,9)	10,7	(72,0)	236,0
Cevada	3.621	3.776	3.815	1,0	5,4	39,0	194,0
Trigo	2.663	3.027	2.832	(6,4)	6,3	(195,0)	169,0
Triticale	2.628	2.949	2.886	(2,1)	9,8	(63,0)	258,0
Subtotal	2.578	2.952	2.792	(5,4)	8,3	(160,0)	214,0
Brasil (2)	3.641	4.035	4.033	-	10,8	(1,5)	392,3

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

TABELA 3 - ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO DE GRÃOS - EM 1.000 T

Brasil	Estimativa da produção de grãos			Safras 2020/21 e 2021/22			
Produto	Safras			Variação			
	19/20	21/22		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Algodão - caroço (1)	3.434,4	3.903,7	3.867,0	(0,9)	12,6	(36,7)	432,6
Algodão em pluma	2.355,7	2.678,0	2.653,3	(0,9)	12,6	(24,7)	297,6
Amendoim total	596,9	623,0	623,7	0,1	4,5	0,7	26,8
Amendoim 1ª safra	588,4	613,5	614,1	0,1	4,4	0,6	25,7
Amendoim 2ª safra	8,5	9,5	9,6	1,1	12,9	0,1	1,1
Arroz	11.752,8	11.601,5	11.539,6	(0,5)	(1,8)	(61,9)	(213,2)
Arroz sequeiro	921,3	924,2	865,9	(6,3)	(6,0)	(58,3)	(55,4)
Arroz irrigado	10.831,5	10.677,3	10.673,7	-	(1,5)	(3,6)	(157,8)
Feijão total	2.875,7	2.973,0	3.103,8	4,4	7,9	130,8	228,1
Feijão total cores	1.775,3	1.809,2	1.891,9	4,6	6,6	82,7	116,6
Feijão total preto	475,7	496,0	503,2	1,5	5,8	7,2	27,5
Feijão total caupi	625,0	668,0	708,8	6,1	13,4	40,8	83,8
Feijão 1ª safra	976,6	1.050,6	1.012,0	(3,7)	3,6	(38,6)	35,4
Cores	608,4	630,3	606,2	(3,8)	(0,4)	(24,1)	(2,2)
Preto	248,3	257,4	243,3	(5,5)	(2,0)	(14,1)	(5,0)
Caupi	120,0	163,0	162,5	(0,3)	35,4	(0,5)	42,5
Feijão 2ª safra	1.121,2	1.142,2	1.280,5	12,1	14,2	138,3	159,3
Cores	436,5	446,0	522,6	17,2	19,7	76,6	86,1
Preto	215,4	226,6	249,7	10,2	15,9	23,1	34,3
Caupi	469,5	469,7	508,4	8,2	8,3	38,7	38,9
Feijão 3ª safra	778,0	780,2	811,2	4,0	4,3	31,0	33,2
Cores	730,4	732,9	763,1	4,1	4,5	30,2	32,7
Preto	12,0	12,0	10,2	(15,0)	(15,0)	(1,8)	(1,8)
Caupi	35,5	35,3	37,9	7,4	6,8	2,6	2,4
Gergelim	56,7	82,1	78,5	(4,4)	38,4	(3,6)	21,8
Girassol	36,2	49,9	53,4	7,0	47,5	3,5	17,2
Mamona	27,4	33,4	33,4	-	21,9	-	6,0
Milho total	87.023,8	116.313,0	116.711,5	0,3	34,1	398,5	29.687,7
Milho 1ª safra	24.722,1	28.327,4	28.600,6	1,0	15,7	273,2	3.878,5
Milho 2ª safra	60.740,6	86.318,7	86.255,8	(0,1)	42,0	(62,9)	25.515,2
Milho 3ª safra	1.561,1	1.667,0	1.854,9	11,3	18,8	187,9	293,8
Soja	137.320,5	140.752,2	142.009,9	0,9	3,4	1.257,7	4.689,4
Sorgo	2.084,2	2.458,6	2.458,6	-	18,0	-	374,4
Subtotal	245.208,6	278.790,4	280.479,4	0,6	14,4	1.689,0	35.270,8
Culturas de inverno	Safras			Variação			
	2020	2021		Percentual		Absoluta	
	(a)	Out/2021 (b)	Nov/2021 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
Aveia	852,6	1.088,7	1.087,1	(0,1)	27,5	(1,6)	234,5
Canola	32,2	60,9	55,0	(9,7)	70,8	(5,9)	22,8
Centeio	10,4	12,1	12,0	(0,8)	15,4	(0,1)	1,6
Cevada	374,4	420,6	425,0	1,0	13,5	4,4	50,6
Trigo	6.234,6	8.190,8	7.688,7	(6,1)	23,3	(502,1)	1.454,1
Triticale	41,0	46,6	45,6	(2,1)	11,2	(1,0)	4,6
Subtotal	7.545,2	9.819,7	9.313,4	(5,2)	23,4	(506,3)	1.768,2
Brasil (2)	252.753,8	288.610,1	289.792,8	0,4	14,7	1.182,7	37.039,0

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

TABELA 4 - COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO POR UF – PRODUTOS SELECIONADOS

Brasil	Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados(*)						Safras 2020/21 e 2021/22		
Região/UF	Área (Em mil ha)			Produtividade (Em kg/ha)			Produção (Em mil t)		
	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %	Safra 20/21	Safra 21/22	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.644,0	3.789,3	4,0	3.361	3.406	1,3	12.245,7	12.905,1	5,4
RR	99,0	99,0	-	3.967	3.924	(1,1)	392,7	388,5	(1,1)
RO	657,3	747,9	13,8	3.953	3.797	(3,9)	2.598,4	2.840,1	9,3
AC	48,3	49,9	3,3	2.414	2.395	(0,8)	116,6	119,5	2,5
AM	21,7	12,7	(41,5)	2.525	2.252	(10,8)	54,8	28,6	(47,8)
AP	8,5	8,5	-	1.847	2.024	9,6	15,7	17,2	9,6
PA	1.181,4	1.203,3	1,9	2.995	3.068	2,4	3.538,4	3.691,6	4,3
TO	1.627,8	1.668,0	2,5	3.397	3.489	2,7	5.529,1	5.819,6	5,3
NORDESTE	8.533,7	8.726,6	2,3	2.766	2.839	2,7	23.604,3	24.778,2	5,0
MA	1.656,2	1.674,1	1,1	3.609	3.563	(1,3)	5.977,8	5.964,4	(0,2)
PI	1.629,8	1.706,4	4,7	3.077	3.289	6,9	5.015,3	5.612,8	11,9
CE	942,9	942,9	-	629	701	11,4	593,5	660,9	11,4
RN	98,0	98,0	-	510	561	10,0	50,0	55,0	10,0
PB	193,5	193,5	-	415	519	25,2	80,3	100,5	25,2
PE	464,6	464,6	-	536	542	1,0	249,1	251,7	1,0
AL	82,8	82,9	0,1	2.220	2.195	(1,1)	183,8	182,0	(1,0)
SE	172,3	172,3	-	4.183	5.447	30,2	720,7	938,5	30,2
BA	3.293,6	3.391,9	3,0	3.259	3.247	(0,4)	10.733,8	11.012,4	2,6
CENTRO-OESTE	29.893,9	31.350,7	4,9	3.899	4.315	10,7	116.557,4	135.271,9	16,1
MT	17.903,7	18.834,2	5,2	4.081	4.335	6,2	73.073,3	81.645,8	11,7
MS	5.639,2	5.894,3	4,5	3.369	4.074	20,9	19.000,8	24.016,0	26,4
GO	6.184,6	6.455,3	4,4	3.837	4.459	16,2	23.731,0	28.784,1	21,3
DF	166,4	166,9	0,3	4.521	4.949	9,5	752,3	826,0	9,8
SUDESTE	6.268,8	6.484,2	3,4	3.854	4.233	9,8	24.161,7	27.444,7	13,6
MG	3.845,8	3.979,6	3,5	4.017	4.332	7,9	15.447,7	17.241,6	11,6
ES	21,9	21,9	-	1.986	2.037	2,5	43,5	44,6	2,5
RJ	2,2	2,2	-	2.227	2.136	(4,1)	4,9	4,7	(4,1)
SP	2.398,9	2.480,5	3,4	3.612	4.093	13,3	8.665,6	10.153,8	17,2
SUL	21.076,2	21.497,7	2,0	3.615	4.158	15,0	76.184,7	89.392,9	17,3
PR	10.310,3	10.501,1	1,9	3.275	4.061	24,0	33.765,4	42.644,8	26,3
SC	1.344,5	1.364,8	1,5	4.367	5.111	17,0	5.870,9	6.975,2	18,8
RS	9.421,4	9.631,8	2,2	3.879	4.129	6,4	36.548,4	39.772,9	8,8
NORTE-NORDESTE	12.177,7	12.515,9	2,8	12.515	3.011	(75,9)	152.407,4	37.683,3	(75,3)
CENTRO-SUL	57.238,9	59.332,6	3,7	1.753	4.249	142,4	100.346,4	252.109,5	151,2
BRASIL	69.416,6	71.848,5	3,5	3.641	4.033	10,8	252.753,8	289.792,8	14,7

Legenda: (*) Produtos selecionados: Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.



INTRODUÇÃO

Seguindo o calendário de divulgações, a Conab apresenta o segundo levantamento da safra 2021/22, com informações atualizadas das culturas de primeira, segunda e terceira safras e de inverno em relação à área plantada, à produtividade média e à produção. Além disso, discorre sobre o andamento das operações de plantio, crescimento, desenvolvimento e colheita dessas culturas, às condições climáticas encontradas nas regiões produtoras e de mercado.

As ações estabelecidas pela empresa, para o levantamento das safras, estão em conformidade com as medidas de biossegurança federais, estaduais e municipais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde dos empregados e dos colaboradores.

Essas medidas de combate à pandemia obrigaram à empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de algumas viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não

comprometer a qualidade dos serviços prestados e preservar a saúde de todos.

Como parte do aprimoramento dos levantamentos e análises dos dados de safra, desde outubro de 2020, a Conab passou a divulgar, semanalmente, o progresso de safras das principais culturas, disponível neste site <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/progresso-de-safra>>, mantendo-se como referência na produção de dados e informações para o agronegócio brasileiro. Nos arquivos de progresso de safra é possível acompanhar a evolução do plantio, colheita, fenologia e o manejo das diferentes lavouras.

O levantamento é fruto do trabalho realizado por cerca de 80 técnicos das superintendências regionais, localizadas em todas as Unidades da Federação.

Nesse trabalho, além da pesquisa subjetiva, são utilizados métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, análises fitotécnicas e de mercado, bem como outras informações que complementam os métodos citados.



ANÁLISE CLIMÁTICA¹

ANÁLISE CLIMÁTICA DE OUTUBRO

Contrastando com 2020, outubro de 2021 contabilizou grandes volumes de chuva, chegando a ultrapassar a média em diversas localidades nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, além da ocorrência de diversas tempestades com queda de granizo e rajadas de vento com velocidade acima dos 60 km/h.

De forma geral, a precipitação na Região Sul atingiu volumes elevados entre o Rio Grande do Sul e o Paraná, com totais entre 120 mm e 400 mm. Porém, foi no oeste da região onde ocorreram os maiores volumes, com totais entre 250 mm e 400 mm. Nas demais áreas, os totais ficaram entre 120 mm e 220 mm.

Do mesmo modo, no Sudeste, o mês foi bastante chuvoso em todos os estados, com totais entre 150 mm e 300 mm. Apenas no norte de Minas Gerais, a precipitação acumulada foi menor, com totais entre 90 mm e 120 mm.

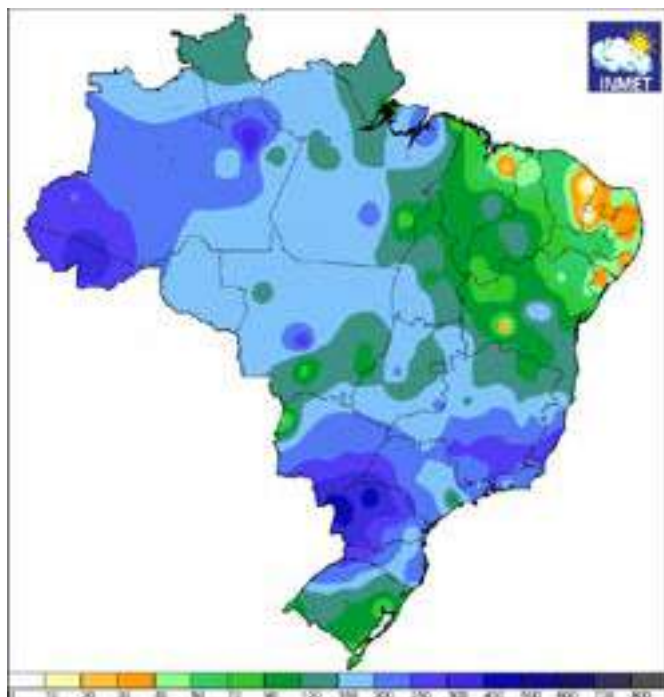
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet - Brasília.

No Centro-Oeste, o clima seguiu dentro das características típicas desse mês, com volumes dentro da faixa normal em grande parte da região. Em Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso, os totais foram entre 90 mm e 200 mm. Destaque para o Mato Grosso do Sul, com volumes entre 150 mm e 300 mm.

Na Região Nordeste, outubro teve seus maiores volumes no Maranhão, sul do Piauí e oeste e sul da Bahia, com totais entre 70 mm e 150 mm. Entre o extremo-norte da Bahia e o Ceará, a precipitação foi mais irregular, e os totais acumulados ficaram entre 10 mm e 60 mm.

Na Região Norte, os acumulados mensais ficaram entre 150 mm e 350 mm no Acre, Rondônia, Amazonas e Pará. Nos demais estados da região, os totais foram entre 80 mm e 150 mm.

FIGURA 1 - MAPA DE PRECIPITAÇÃO ACUMULADA EM OUTUBRO DE 2021



Fonte: Inmet.

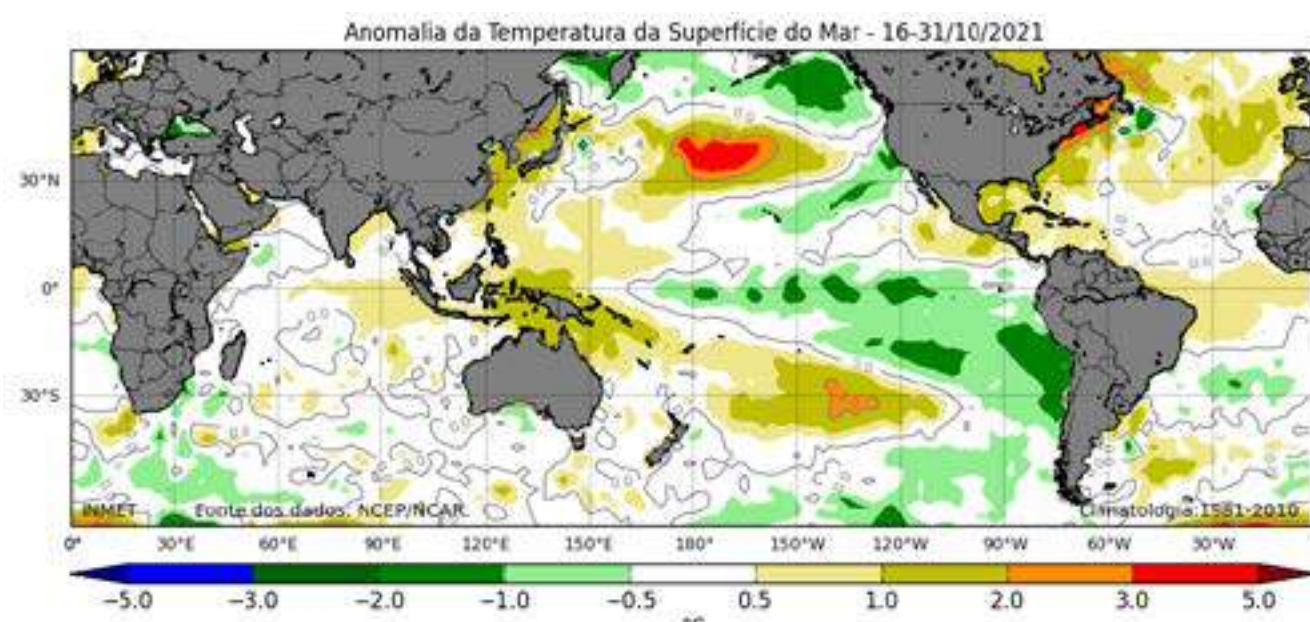
CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Em outubro, o Oceano Pacífico Equatorial deu sinais de uma nova fase fria das anomalias de temperatura da superfície do mar (TSM), como observado nas anomalias negativas de TSM da segunda quinzena, indicando o estabelecimento do fenômeno La Niña.

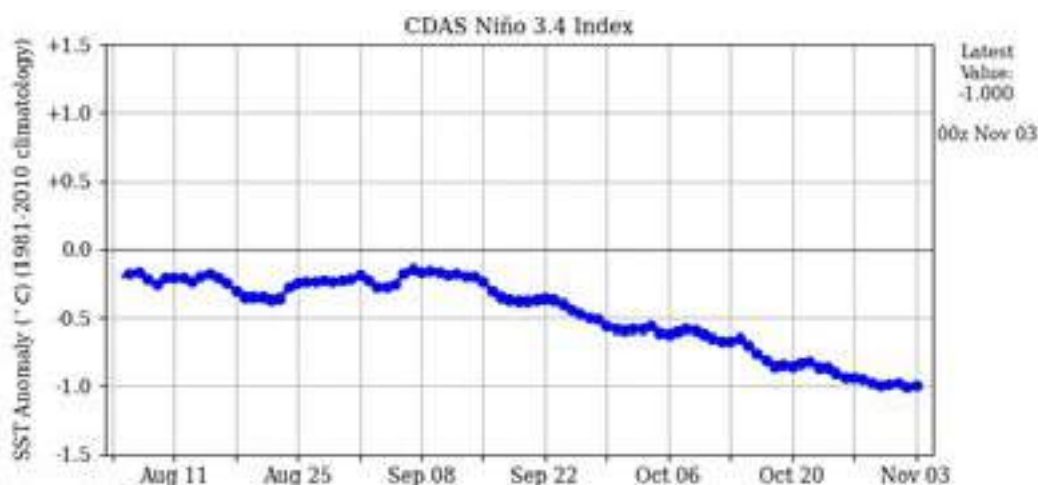
Os registros diários da TSM no Oceano Pacífico Equatorial, nas últimas semanas, mostram uma tendência do sinal negativo, como pode ser observado no gráfico diário de anomalia de TSM na área 3.4 de El Niño/La Niña (entre 170°W-120°W).

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está na fase neutra quando as anomalias médias de TSM estão entre -0,5 °C e +0,5 °C, durante alguns meses.

FIGURA 2 - MAPA DE ANOMALIAS DA TSM NO PERÍODO DE 16 A 31/10/2021



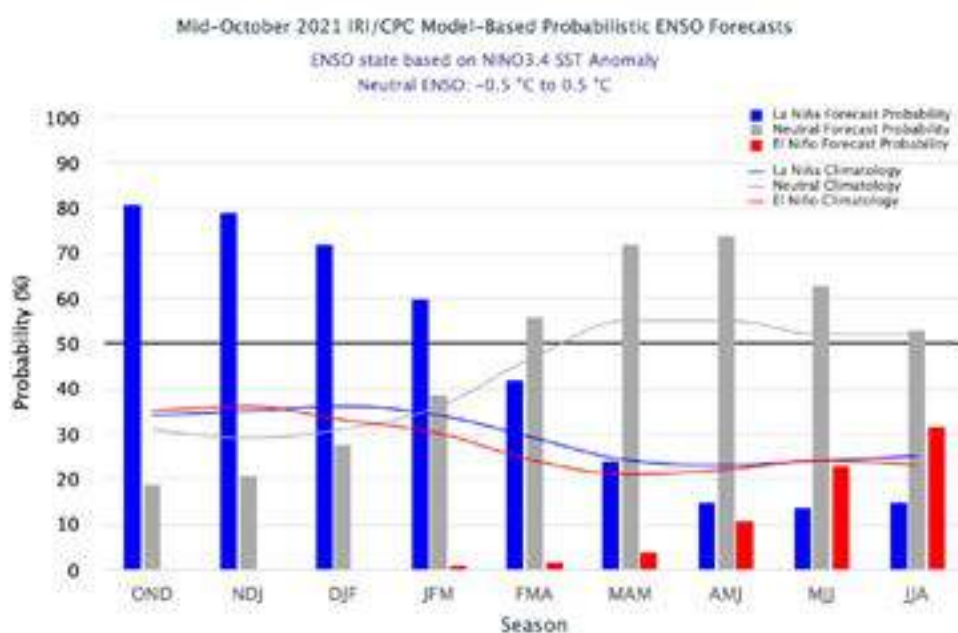
Fonte: Tropical Tidbits
Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

GRÁFICO 1 - MONITORAMENTO DO ÍNDICE DIÁRIO DE *EL NIÑO/LA NIÑA* NA REGIÃO 3.4

Fonte: Tropical Tidbits

Disponível em: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

Os modelos de previsão de *El Niño/La Niña* apresentam probabilidade de mais de 75% de manutenção de uma nova fase de *La Niña* no trimestre novembro-dezembro-janeiro. Segundo a previsão, o fenômeno pode durar até o início do outono.

GRÁFICO 2 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DO IRI PARA OCORRÊNCIA DE *EL NIÑO* OU *LA NIÑA*

Fonte: IRI

Disponível em: <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/enso/current>.

PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO NOVEMBRO-DEZEMBRO/2021 E JANEIRO/2022

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam um predomínio de áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média. Os desvios negativos de chuvas devem ser mais acentuados no Rio Grande do Sul e parte de Santa Catarina. No centro-norte do Paraná, as probabilidades são de chuvas dentro da faixa normal ou acima do acumulado do trimestre.

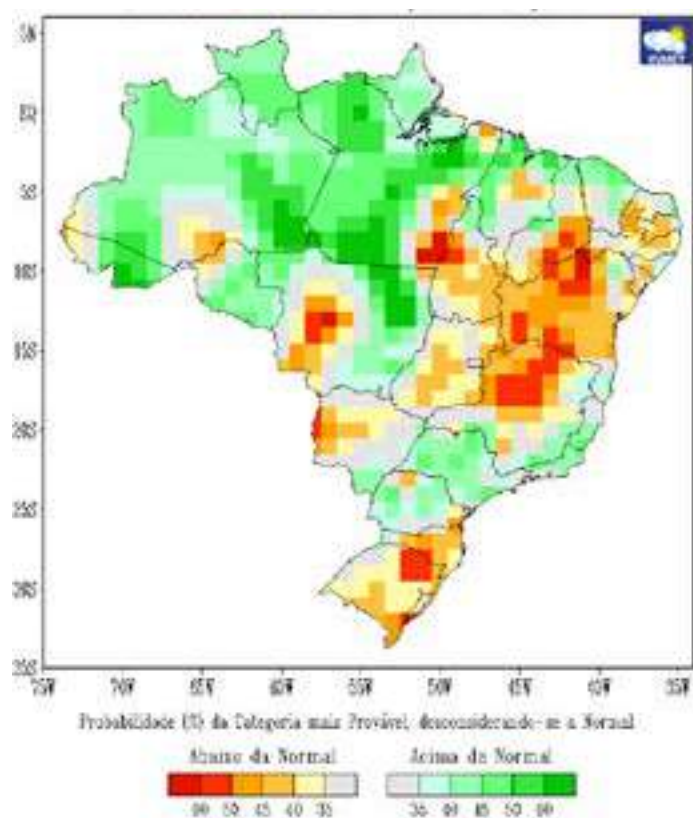
Para a Região Centro-Oeste, a previsão indica uma distribuição espacial irregular das chuvas. Porém, mesmo não atingindo a média do período, os volumes acumulados de chuvas devem ficar próximos da faixa normal na maioria das localidades. Em novembro, as previsões indicam predomínio de áreas com probabilidade de chuvas acima da média.

No Sudeste, também é prevista uma distribuição irregular das chuvas, com probabilidades de chuvas na faixa normal ou acima em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Espírito Santo e em algumas áreas no sul de Minas Gerais. No centro-norte de Minas Gerais, há possibilidade de chuvas dentro da faixa normal ou abaixo.

No Nordeste, o predomínio é de áreas com probabilidade de chuvas na faixa normal ou acima sobre o norte da região e no sul da Bahia. No interior da Bahia e no sudeste do Piauí, as chuvas devem ser mais irregulares, podendo ficar abaixo da média.

Na Região Norte, o predomínio é de áreas com probabilidade de chuvas acima da média. Contudo, no centro-sul do Tocantins há probabilidade de chuvas abaixo da média.

FIGURA 3 - PREVISÃO PROBABILÍSTICA DE PRECIPITAÇÃO PARA O TRIMESTRE NOVEMBRO-DEZEMBRO/2021 E JANEIRO/2022



Fonte: Inmet.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do sítio do Inmet (<https://portal.inmet.gov.br>).

ANÁLISE DAS CULTURAS



ALGODÃO

ÁREA

1.497,5 mil ha
+9,3%

PRODUTIVIDADE

1.772 kg/ha
+3,1%

PRODUÇÃO

2.653,3 milhões t
+12,6%

Comparativo com safra anterior
Algodão em pluma
Fonte: Conab.

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 1.296,6 mil t
PRODUÇÃO 2.653,3 mil t
IMPORTAÇÕES 1 mil t
3.950,9 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 750 mil t
EXPORTAÇÕES 2.000 mil t
2.750 mil t

As primeiras lavouras de algodão já estão sendo implantadas ao longo do país, nessa safra 2021/22, e as expectativas iniciais apontam para incremento de área em comparação à temporada passada, motivado tanto pelos preços atrativos da fibra como também pelas condições mais favoráveis à semeadura e desenvolvimento preliminar da cultura nesse começo de ciclo. As chuvas estão ocorrendo com mais regularidade e de forma mais uniforme que no mesmo período do ano passado, podendo gerar maior incentivo ao cultivo do algodão, especialmente nesta época

denominada de primeira safra, com o plantio ocorrendo de outubro a dezembro. Usualmente há outro período tradicional de semeadura dentro da temporada, que é considerado o de segunda safra, com a realização ocorrendo, majoritariamente, entre janeiro e março, depois da colheita das culturas de verão.

Algumas regiões ainda estão em período de vazio sanitário, mas o preparo e o planejamento para o início das operações de semeadura seguem sendo realizados.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estimou uma produção de 2,35 milhões de toneladas de pluma de algodão para a safra 2020/21. Esse volume representou uma queda de 22% em relação ao que foi produzido na safra 2019/20. Além de uma queda na produtividade de pouco mais de 4%, causada pela estiagem, a área plantada foi cerca de 17% inferior. Além das dúvidas em relação aos reflexos da pandemia em meados do ano de 2020, a perda da janela ideal para o plantio em importantes áreas produtoras foi o principal fator responsável por essa redução.

Além da menor produção, colabora para um cenário de menor oferta interna o forte ritmo das exportações em 2021. Foram exportadas 1,37 milhão de toneladas de janeiro a setembro, contra 1,18 milhão no mesmo período de 2020. Alta de 16%. Esse melhor desempenho em relação ao ano passado foi causado pelo forte desempenho alcançado no primeiro semestre de 2021, já que nos meses de julho, agosto e setembro, as vendas externas foram aquém em comparação com esses três meses em

2020. Além da menor safra 2020/21, o setor tem reportado dificuldade para conseguir contêineres para escoamento da produção. Com isso, a perspectiva para 2021 é de que o Brasil embarque 2,1 milhões de toneladas de pluma, volume 1,2% menor que em 2020.

Já em relação ao consumo doméstico, a expectativa é que seja demandado 725 mil toneladas em 2021. Recuperação possibilitada pela vacinação e mitigação da pandemia, além da reposição de estoques dado à menor aquisição por parte da indústria nacional no ano de 2020. Neste cenário de menor produção, mas de fortes exportações e recuperação do consumo interno, para o final de 2021 a Conab prevê uma queda de cerca de 26% nos estoques finais, que deverão terminar este ano em 1,29 milhão de toneladas.

Já em seu 1º Levantamento da Safra 2021/22 de grãos, a perspectiva inicial da Conab é de um aumento de 10,2% na área a ser plantada, totalizando 1.510 mil ha. Neste momento há muitas indefinições com relação à área a ser plantada, principalmente para as culturas de segunda e terceira safras do ciclo 2021/22. Para a produtividade, a mesma foi estimada por métodos estatísticos, indicando um aumento esperado de 3,1%. Isto totalizaria uma produção de 2,67 milhões de toneladas, valor 13,7% acima do produzido na safra 2020/21. Este aumento esperado para a área a ser plantada de algodão se dá, principalmente, pelos altos preços atuais da pluma. O cenário mundial, segundo o USDA, para a safra 2021/22 é de uma menor oferta de algodão, mas em contrapartida, um aumento no consumo, ou seja, o cenário é de déficit entre oferta e demanda global.

Em relação às exportações, dada a menor oferta da safra 2020/21, a expectativa é que em 2022 sejam exportadas 2,0 milhões de toneladas, queda de 4,8% em relação ao estimado para 2021, que foi de 2,1 milhões

de toneladas. Já em relação ao consumo doméstico, a perspectiva é de que a indústria nacional adquira um total de 765 mil toneladas em 2022, incremento de 5,5% em relação ao estimado para 2021, que foi de 725 mil toneladas. Em se confirmando este cenário, os estoques brasileiros cairiam pelo segundo ano consecutivo, terminariam 2022 com cerca de 1,2 milhão de toneladas de pluma, queda de 6,6% em relação ao estimado para 2021.

TABELA 5 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ALGODÃO EM PLUMA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	713,0	1.289,2	27,0	2.029,2	640,0	804,0	585,1
2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,3	685,0	834,1	629,1
2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.665,0	670,0	974,0	1.020,9
2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.613,7	1.487,7
2019/20	1.487,7	3.001,6	1,0	4.490,3	600,0	2.125,4	1.764,9
2020/21	1.764,9	2.357,5	1,0	4.121,6	725,0	2.100,0	1.296,6
2021/22	1.296,6	2.653,3	1,0	3.950,9	750,0	2.000,0	1.200,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

Estoque de Passagem - 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL – SAFRA 2021/22

Em Tocantins, as operações de plantio ainda não começaram, mas a expectativa inicial é de manutenção da destinação de área para o cultivo (cerca de 7,1 mi hectares), com maior ênfase para a semeadura mais tardia, a partir de janeiro de 2022.

Em Rondônia, a cotonicultura fica concentrada no sul no estado, mais especificamente na região de Vilhena. A perspectiva é que o plantio seja iniciado a partir de novembro de 2021, devendo se estender até fevereiro de 2022.

Em Mato Grosso, o período atual é de vazio sanitário, mas já começou

o processo de preparo dos solos, com vistas a iniciar as operações de semeadura a partir de dezembro.

O cenário momentâneo se mostra bastante favorável à cotonicultura, tendo bons preços pagos pela pluma recentemente, além de condições climáticas satisfatórias até então, com umidade adequada nos solos e temperaturas médias dentro de uma faixa ideal. Assim, há expectativa de aumento na área plantada em comparação à temporada anterior, mantendo o estado como o principal produtor de algodão do país.

Em Goiás também está vigente o período de vazio sanitário. A previsão é que o início das operações de semeadura ocorram a partir de novembro e se prolongue até fevereiro, com estimativa de aumento de área plantada em comparação à safra 2020/21.

Em Mato Grosso do Sul, o vazio sanitário do algodão já se encerrou para os municípios das regiões sul e central do estado. No entanto, a previsão de início da semeadura é apenas para novembro. As demais regiões sul-mato-grossenses ainda estão em vazio sanitário, com destaque para a região norte que é a maior produtora da fibra no estado e que somente deve começar as operações de plantio a partir de dezembro.

Devido ao alto custo de produção e necessidade de maquinários específicos para a cultura do algodão, o cultivo é feito por produtores tradicionais que já possuem toda a estrutura necessária, portanto o aumento na área cultivada fica restrita a capacidade operacional destes.

A maior parte dos insumos estão adquiridos e estão sendo entregues, ficando a operação de semeadura condicionada à liberação normativa ou, no caso da região sul, ao momento considerado ideal pelo produtor.

Na Bahia, há duas grandes regiões de destaque para a cotonicultura estadual: o extremo-oeste e o centro sul. Nelas, pode-se observar uma produção bastante tecnificada, inclusive com uso de irrigação suplementar em muitas áreas, favorecendo um bom rendimento de fibra e uma produtividade média considerada elevada, entre as maiores do país.

Para essa safra, o vazio sanitário está em vigência em ambas regiões produtoras, porém a perspectiva é que a partir de dezembro as primeiras lavouras sejam implantadas e que haja incremento na área total plantada em comparação ao ciclo anterior.

Além da Bahia, o Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Alagoas e Rio Grande do Norte também apresentam produção de algodão na Região Nordeste. A destinação de área é expressivamente menor nessas localidades, se comparadas à cotonicultura baiana, mas potencializam a produção regional.

Em Minas Gerais, o vazio sanitário vai até o final de novembro e, a partir dali, a expectativa é de plantio ocorrendo até fevereiro, com previsão inicial de crescimento na destinação de área em relação à temporada anterior.

Em São Paulo, o plantio da cultura já começou, mas ainda de forma muito incipiente. Com as condições climáticas favoráveis, até o momento, e as boas perspectivas de mercado sobre a fibra, a expectativa é de evolução no ritmo de semeadura e de incremento na área total plantada em comparação à safra passada. Regiões tradicionalmente cotonicultoras já se preparam para a expansão de área, e devem manter um bom investimento para o cultivo do algodão.

Na Região Sul, o Paraná tem sido o único estado produtor de algodão, nas

últimas safras, algo que deve se repetir em 2021/22. A destinação de área para tal cultivo ainda deve ser pequena (cerca de 1,2 mil hectares), porém indicando aumento em relação à safra anterior.

Para mais informações sobre o progresso da safra de algodão, [clique aqui](#).



ARROZ

ÁREA

1.682,6 mil ha
+0,3%

PRODUTIVIDADE

6.858 kg/ha
-2,1%

PRODUÇÃO

11.539,6 mil t
-1,8%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 2.490,3 mil t
PRODUÇÃO 11.539,6 mil t
IMPORTAÇÕES 1.000 mil t
15.029,9 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 11.000 mil t
EXPORTAÇÕES 1.400 mil t
12.400 mil t

A cultura de arroz, da safra 2021/22, indica que a área a ser semeada será de 1.682,6 mil hectares, um valor similar à safra anterior. A área de arroz irrigado é estimada em 1.326,2 mil hectares, incremento de 1,7% em relação à safra anterior. Quanto ao arroz de sequeiro, redução de área estimada em 4,7% em relação à safra 2020/21.

No final de outubro 48,9% das lavouras já haviam sido semeadas no país, um pequeno atraso em relação ao mesmo período da safra anterior, principalmente pelo retardo da semeadura no Rio Grande do Sul, maior estado produtor.

OFERTA E DEMANDA

A Conab estima que a safra 2021/22 de arroz será 1,8% menor que a safra 2020/21, sendo projetada em 11,5 milhões de toneladas. Esse resultado é reflexo principalmente das estimativas de acentuada redução das produtividades (-2,1%), apesar da projeção de expansão de área da cultura (+0,3%), com base em estudo econométrico em conjunto com uma análise de campo inicial realizada pelos colaboradores das superintendências regionais.

Mais especificamente sobre a produtividade, após um clima extremamente

favorável na última safra, o cenário de normalidade climática utilizado para a safra 2021/22 deverá, possivelmente, refletir em leve retração da produtividade. Sobre a área, a expansão deverá ocorrer em face da elevação das rentabilidades do setor desde o início da pandemia. Mesmo com a desvalorização das cotações ao longo de 2021, a margem líquida segue acima dos patamares pré-pandemia.

Sobre as exportações de arroz, base casca, segundo dados do ComexStat do Ministério da Economia, o Brasil exportou 140,6 mil toneladas em outubro de 2021, esse volume é 8% acima do exportado no mês anterior. Já em relação a outubro de 2020, esse total é 8,4% menor. De janeiro a outubro deste ano, o montante exportado é de 957,9 mil toneladas, contra 1,69 milhão no mesmo período de 2020, queda de 43,3%.

Em relação ao quadro de oferta e demanda do arroz para a safra 2021/22, a projeção é de manutenção do consumo em 11 milhão de toneladas e do volume importado em 1 milhão de toneladas. Para as exportações, a perspectiva é que haja incremento do volume comercializado para 1,4 milhão de toneladas. Como resultado, projeta-se um incremento de 5,6% nos estoques finais da cultura do arroz, totalizando um montante de 2,6 milhões de toneladas em dezembro de 2022.

TABELA 6 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - ARROZ EM CASCA - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	2.121,9	10.603,0	1.044,1	13.769,0	11.096,6	935,5	1.736,9
2016/17	1.736,9	12.327,8	1.141,7	15.206,4	12.215,7	868,8	2.121,9
2017/18	2.121,9	12.064,2	842,7	15.028,8	10.793,7	1.809,3	2.425,8
2018/19	2.425,8	10.483,6	1.012,5	13.921,9	10.544,6	1.432,3	1.945,0
2019/20	1.945,0	11.183,4	1.280,8	14.409,2	10.708,3	1.813,4	1.887,5
2020/21(*)	1.887,5	11.752,8	1.000,0	14.640,3	11.000,0	1.150,0	2.490,3
2021/22(**)	2.490,3	11.539,6	1.000,0	15.029,9	11.000,0	1.400,0	2.629,9

Legenda: (*) Estimativa.

(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

Estoque de Passagem - Arroz: 31 de Dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL – SAFRA 2021/22

Em Sergipe, a safra 2021/22 ainda não foi iniciada, sendo que a previsão para o começo das operações de sistematização dos solos e respectiva semeadura está apenas para o ano que vem.

No entanto a safra 2020/21 está em pleno andamento, com cerca de 28% das lavouras em fase de desenvolvimento vegetativo, 30% em estágio de floração, 25% em frutificação e 17% maturação.

As condições das lavouras são boas e a expectativa é de recorde no rendimento médio alcançado, dada o maior uso de sementes de qualidade superior e as ótimas condições climáticas. Apesar do plantio de arroz no Estado ser realizado ao longo de 6 meses, a semeadura de 80% das áreas nesta safra se concentraram nos meses de julho, agosto e setembro, de modo que fica ainda mais clara a intenção de um segundo plantio no ano. Desse modo a colheita se intensifica a partir de novembro, com previsão de término até a primeira quinzena de março.

Alguns produtores já iniciaram a colheita, uma vez que os mesmos semearam suas lavouras ainda no final do mês de maio. As condições do produto são boas e o rendimento médio previsto é de 7.669 kg/ha, em compensação os preços despencaram e os produtores estão bem desanimados com a desvalorização do grão já no início da colheita, considerando que os custos de produção estão elevados.

O aumento de área plantada na presente safra já está confirmado, impulsionado principalmente pela elevação nos preços do grão nos mercados local e nacional. Apesar da desvalorização do grão nos últimos 15 dias no Estado, a manutenção dos preços elevados desde o final da safra anterior é um dos grandes impulsionadores para o aumento de safra,

uma vez que a grande dificuldade dos produtores locais é justamente a comercialização da sua produção. Desta forma, a previsão de plantio é de 4.149 hectares de arroz na Região produtora do Baixo São Francisco.

A área total prevista para o plantio de arroz se manterá em 4,1 mil hectares, com retração de 3,8% no rendimento.

No Maranhão, na safra 2021/22, o plantio de arroz sequeiro terá início de plantio no mês de novembro de 2021 a fevereiro de 2022.

O cultivo sequeiro de arroz é realizado, na maior parte do Estado, em todos os municípios, pela agricultura familiar, em pequena escala, em sistema de cultivo consorciado com outras culturas, como milho, feijão-caupi e mandioca, através de “roça no toco”, com queima e corte da vegetação da área de cultivo, com baixa tecnologia, sem calagem e adubação.

Os pequenos agricultores contam com sementes distribuídas pelo projeto Mais Sementes e Mudanças do Governo do Estado, com previsão de distribuição sementes de arroz das variedades BRS Sertanejo e Esmeralda, além de sementes compradas e guardadas de uma safra para outra.

O Estado também apresenta produção de arroz irrigado, porém esse cultivo só deverá acontecer nessa safra a partir de junho do ano que vem, com destaque para as regiões norte especialmente ao municípios de (Arari, Vitória do Mearim, Viana e Cajari) e central (São Mateus do Maranhão e Médio Mearim) do Estado.

Em Tocantins, para o arroz de sequeiro, a previsão inicial é de manutenção de área, o volume produzido é para atender a subsistência das famílias de agricultores e o excedente é comercializado em feiras locais e até em programas governamentais. A previsão de início do plantio é para o

novembro, onde o produtor aguarda uma melhor regularidade das chuvas.

Esta cultura, em grande parte, depende do apoio dos municípios e do próprio estado, que disponibiliza o maquinário para o preparo do solo (aração/gradagem) e ainda faz o acompanhamento da cultura por meio da assistência técnica rural.

No caso dos agricultores comerciais, a área cultivada é mais variável de uma safra para outra, visto que alguns produtores vêm optando pelo plantio da soja nas áreas de primeiro ano de cultivo.

Para o arroz irrigado no estado, o plantio foi iniciado nas áreas de várzeas (sistematizadas) e, até o momento, apenas 5% da área está semeada, e a previsão é que o plantio avance durante novembro.

Em Mato Grosso do Sul, o cultivo do arroz é bastante escalonado. Enquanto há lavouras que iniciarão o florescimento no início de novembro, ainda faltam 45% da área para ser semeada.

Muitas lavouras que estavam planejando semear em outubro não conseguiram realizar a operação devido ao alto volume de chuvas no estado.

Essa alta umidade no solo pode ocasionar pequenos aumentos nas áreas cultivadas com o cereal, pois muitos produtores previam semear várzeas com soja e, se ocorrer a manutenção da atual condição, impedirá o desenvolvimento da leguminosa, o que leva a migração para o arroz.

O ataque de pragas não tem sido intenso, mas pulverizações para o controle principalmente do percevejo grande do arroz (*Tibraca limbativentris*) foram demandadas nas lavouras que estão próximas ao florescimento.

Alguns produtores tiveram baixa eficiência de herbicidas nas lavouras mais velhas, resultando em presença principalmente de capim-arroz (*Echinochloa* spp.) em nível acima do normal para a tecnologia empregada nos cultivos.

Nos próximos dias será feita a primeira aplicação preventiva de fungicidas, tendo em vista a emissão da folha bandeira pelas plantas e a permanência de dias mais úmidos e nublados que favorecem o desenvolvimento de doenças.

Em Minas Gerais, com o início das chuvas e maiores volumes de água nos rios, o plantio já segue em bom ritmo para as lavouras irrigadas.

Estima-se que 40% a 50% das lavouras irrigadas já estão semeadas, enquanto para o arroz sequeiro a semeadura ainda é considerada incipiente.

Na Região Sul, o cultivo de arroz é praticamente todo irrigado e apenas um pequeno percentual é cultivado em sequeiro.

No Paraná, o clima mais chuvoso está favorável para a cultura de arroz irrigado e de sequeiro. Mais de 95% das áreas semeadas são classificadas como em boas condições. Essas lavouras estão entre germinação e desenvolvimento vegetativo, neste momento.

Essas lavouras são de subsistência, utilizando suas produções na propriedade ou para vendas locais para comerciantes.

Em Santa Catarina, para este ciclo agrícola, 87,84% das áreas destinadas ao cultivo do arroz irrigado já foram semeadas. As lavouras se apresentam em boas condições de germinação (10,16%) e desenvolvimento vegetativo (89,84%).

As chuvas constantes deste mês dificultaram as operações de aplicação de herbicidas e a adubação de cobertura. As lavouras apresentam-se em boas condições sanitárias com a brusone, principal doença da cultura, e a

cigarrinha sob controle.

Como destaque desta safra, há o relato do baixo número de horas de luz solar e que, sendo a cultura sensível à baixa luminosidade, espera-se uma redução na produtividade obtida por ocasião da colheita.

Os preços da saca de arroz ao produtor em Santa Catarina vêm caindo nas últimas quatro semanas. Atribui-se o fato à previsão de aumento nos estoques de passagem e à redução no consumo interno.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de outubro permitiram um grande avanço na semeadura do arroz, que chegou aos 60% semeado no final de outubro.

Apesar disso, episódios de chuvas intensas, ocorridas em meados de outubro, retardaram a semeadura pelo excesso de água nas lavouras, praticamente em todas as regiões. Com a drenagem e ausência de novas chuvas volumosas, espera-se que a semeadura volte a ganhar ritmo a partir da última semana de outubro.

Em relação à safra anterior, há um relativo atraso na evolução da semeadura, embora isso ainda não seja preocupante, do ponto de vista de produtividade nem de intenção de área de cultivo.

As chuvas ocorridas nos últimos meses propiciaram uma boa recarga nas barragens e rios que abastecem as lavouras de arroz. Embora haja casos pontuais em que não se tenha atingido volume satisfatório na Fronteira Oeste, não há mais uma preocupação geral com falta de água durante o ciclo da cultura.

Diferentemente da safra anterior, quando nesta época os reservatórios se

encontravam com níveis reduzidos e a estiagem obrigava produtores a realizar os chamados banhos para a germinação das lavouras, na safra atual a condição é muito mais tranquila. A preocupação na safra atual fica por conta do custo alto de alguns insumos, bem como a falta de outros, trazendo muita insegurança quanto à rentabilidade do setor orizícola.

Os produtores que deixaram para adquirir insumos próximo à semeadura foram obrigados a gastar até três vezes mais em relação a alguns meses antes.

A projeção inicial de área foi mantida em 968,7 mil hectares. Com a recuperação dos níveis das barragens, há grande possibilidade que essa estimativa seja efetivada.

QUADRO 1 - HISTÓRICOS DAS CONDIÇÕES HIDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica												
Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas									

UF	Mesorregiões	Arroz - Safra 2021/2022										
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
RO	Leste Rondoniense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
PA	Sudoeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
	Sudeste Paraense				S/E	DV	DV/F	EG/M	M/C	C		
TO*	Ocidental do Tocantins			S	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						S/E	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense				S/E	DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C	
PR*	Noroeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
SC*	Norte Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C			
	Vale do Itajaí	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sul Catarinense	S/E	S/E/DV	S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C		
RS*	Centro Ocidental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Centro Oriental Rio-grandense		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Metropolitana de Porto Alegre		PS	S	S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	M/C	C	
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		
	Sudeste Rio-grandense		S	S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

*irrigado

Fonte: Conab.



Foto 1 - Colheita de Arroz em Brejo Grande - SE

Fonte: Conab.



FEIJÃO

ÁREA

2.909 mil ha
-0,5%

PRODUTIVIDADE

1.067 kg/ha
+8,5%

PRODUÇÃO

3.103,8 mil t
+7,9%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 155,2 mil t
PRODUÇÃO 3.103,8 mil t
IMPORTAÇÕES 1.00 mil t
3.359 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 2.900 mil t
EXPORTAÇÕES 200 mil t
3.100 mil t

O plantio do feijão nessa primeira safra vem se consolidando em todo o país, especialmente com a iminente finalização do período de vazio sanitário em algumas regiões, bem como a incidência de bons índices pluviométricos, favorecendo a implantação das lavouras e o desenvolvimento inicial das plantas.

De maneira geral, a expectativa, nesse período, é de destinação de área para plantio na ordem de 894,6 mil hectares, considerando os cultivos de feijão-comum cores, feijão-comum preto e feijão-caupi.

OFERTA E DEMANDA

O estoque inicial para o ano-safra 2021/22 é de 155,2 mil toneladas, considerado baixo para o abastecimento do mercado até o final deste ano de 2021. Assim, para complementá-lo, durante o período em questão, o mercado ficará na dependência da produção de São Paulo, único estado que concentra a sua colheita (primeira safra) entre novembro e dezembro.

A produção paulista está estimada em 110,4 mil toneladas, praticamente o mesmo volume registrado na safra anterior. Cabe esclarecer que, com exceção dos demais estados, São Paulo tem a maior parte da produção

obtida por meio de irrigação, no entanto, muitos produtores cultivam em regime de sequeiro, suscetível a problemas climáticos.

Dessa forma, a expectativa é que os preços continuem firmes em novembro e dezembro, com possibilidade de melhorias, caso ocorram frustrações na produção. Contudo, é baixa a expectativa de elevação das cotações, dada a fraca demanda apresentada pelo mercado nos últimos meses.

As colheitas de estados com relevância no cultivo, como Minas Gerais, Paraná e Goiás, concentram-se entre janeiro e fevereiro, que, somadas à produção de outros estados produtores, elevará, sobremaneira, a oferta, com os preços tendendo a recuar no período.

Para a temporada em curso, safra 2021/22, estima-se o seguinte: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab, em outubro, chega em um volume médio de produção estimado em 3,1 milhões de toneladas, 7,9% superior à anterior.

Já em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real. Ainda, há de se ressaltar que, neste ano, esperava-se uma expressiva queda no volume a ser importado, mas as adversidades climáticas ocorridas no Sul do país, nas duas safras, comprometeram cerca de 130 mil toneladas de feijão-comum preto. De janeiro a setembro de 2021 foram importadas 64,7 mil toneladas, isto é, 9,9 mil toneladas a menos que os números registrados no mesmo período de 2020. Quanto às exportações, de janeiro a setembro de 2021, foram exportadas 157,2 mil toneladas, 35,6 mil toneladas acima das 121,6 mil toneladas registradas no mesmo período de 2020.

Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 155,2 mil toneladas,

o consumo em 2,9 milhões de toneladas, as importações em 100 mil toneladas, e as exportações em 200 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 259 mil toneladas. Esse volume é capaz de garantir o abastecimento nacional.

TABELA 7 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - FEIJÃO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
2018/19	287,4	3.017,7	149,6	3.454,7	3.050,0	164,0	240,7
2019/20	240,7	3.222,6	113,6	3.576,9	3.150,0	176,6	250,3
2020/21	250,3	2.884,9	100,0	3.235,2	2.900,0	180,0	155,2
2021/22	155,2	3.103,8	100,0	3.359,0	2.900,0	200,0	259,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

Estoque de Passagem - 31 de dezembro.

ANÁLISE ESTADUAL - FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA - 2021/22

FEIJÃO-COMUM CORES

Esse é o tipo de feijão mais produzido no país. E também o mais consumido, especialmente no Centro-Sul. Dessa forma, a área destinada ao plantio dessa variedade na primeira safra é relevante (estimada em 359,2 mil hectares para a safra 2021/22), bem como o manejo e as demais práticas adotadas durante o desenvolvimento das lavouras para obtenção de um rendimento satisfatório, sempre buscando ao máximo o potencial produtivo da cultura.

O momento atual é de avanço nas operações de semeadura e desenvolvimento inicial das lavouras já implantadas na maioria das regiões produtoras. No geral, as condições climáticas estão sendo

consideradas favoráveis para essa consolidação e evolução primária. É bem verdade que o ciclo começou com certa escassez de precipitações e com solos apresentando baixos níveis de umidade acumulada, o que prejudicava a germinação e emergência das plantas. No entanto, as primeiras chuvas começaram a amenizar tal cenário e se tornaram mais consistentes, gerando uma melhoria nas condições hídricas dos solos e viabilizando a formação e o crescimento radicular.

Estados que apresentaram uma semeadura mais precoce, com as primeiras operações realizadas ainda no final de agosto e início de setembro, como o caso de São Paulo, já dispõe de toda área prevista efetivamente plantada e com algumas lavouras em fases bem avançadas no desenvolvimento fenológico, chegando inclusive ao estágio de formação e maturação dos grãos. Contudo, algumas dessas primeiras lavouras foram impactadas pela escassez hídrica e tiveram seu desenvolvimento inicial prejudicado ou precisaram de replantio para garantir sua consolidação. Atualmente, a condição climática é considerada boa para a cultura, e a perspectiva é de um resultado satisfatório, com colheita começando já no fim de novembro/início de dezembro.

Em Minas Gerais, o plantio se iniciou em algumas regiões, porém o vazio sanitário ainda persiste no noroeste do estado. O avanço das operações se dará nas próximas semanas, e a perspectiva é de conclusão da semeadura até dezembro.

No Paraná, outro importante produtor do feijão-comum cores, o cultivo está se aproximando das fases finais. Das lavouras já implantadas, a maioria está em fase de desenvolvimento vegetativo (78%) e o restante em estádios como emergência (11%), floração (10%) e maturação (1%). Até o momento, quase todas as lavouras estão classificadas como em boas

condições, favorecidas pelas chuvas recentes no estado. Das áreas consideradas em condições regulares se encontram as lavouras que foram afetadas por excesso de chuvas, baixa luminosidade e incidência de pragas e doenças, que são favorecidas por esse cenário apresentado.

Em Santa Catarina, a semeadura do feijão-comum cores é mais tardia em comparação ao feijão-comum preto, justamente por ficar concentrada em regiões mais altas, de menor temperatura média, como nos campos de altitude. Assim, o percentual de área plantada ainda é pequeno (cerca de 9% da área total prevista), porém deve apresentar intensificação das operações nos próximos dias, à medida que o clima se mantenha estável.

Outras Unidades da Federação que se destacam na produção do feijão-comum cores na primeira safra, e que estão fora do eixo Sudeste-Sul, são: Bahia, Goiás, Distrito Federal, Pará, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Algumas dessas áreas estão em plena implantação das lavouras, enquanto outras ainda esperam o encerramento do período de vazio sanitário, ou até mesmo a melhoria das condições climáticas, para iniciarem ou intensificarem tal cultivo.

FEIJÃO-COMUM PRETO

A Região Sul é responsável por mais de 90% das áreas previstas para o plantio de feijão-comum preto nesta primeira safra da temporada 2020/21. O Paraná é o grande destaque, com cerca de 97,1 mil hectares, que devem ser destinados ao cultivo do produto neste ciclo. As operações de semeadura estão em fase final, e as lavouras já implantadas têm apresentado bom desenvolvimento, em sua grande maioria. Vale ressaltar que consolidando essa estimativa de área plantada, se confirmará uma redução de 9% na destinação de área em comparação a 2020/21, principalmente em razão da substituição desse cultivo por produção de

graníferas como soja e milho.

No Rio Grande do Sul, a semeadura evoluiu, mesmo com muita chuva registrada ao longo do último mês, alcançando 80% da área prevista já plantada. Das lavouras já implantadas, cerca de 7% estão em fase de floração, 92% em desenvolvimento vegetativo e 1% em emergência. Além das boas condições para semeadura, o desenvolvimento das lavouras está muito bom, em decorrência do bom volume de chuvas ocorridas, bem diferente do que ocorreu na safra anterior, que foi penalizada em razão de uma estiagem. A expectativa, até o momento, é de uma boa safra.

Em Santa Catarina, 83% da área estimada para o plantio do feijão-comum preto nesta primeira safra está semeada. A previsão de expansão da área plantada neste ano em comparação com a temporada passada ainda continua, principalmente pelos bons preços pagos pelo grão recentemente. Atualmente, a maior parte das lavouras já implantadas estão em fase de desenvolvimento vegetativo e, no geral, estão apresentando boas condições de desenvolvimento, favorecidas pelas chuvas recentes.

Além da Região Sul, vale ressaltar o cultivo do feijão-comum cores nesse período em Minas Gerais, Espírito Santo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, mesmo que em áreas menores.

FEIJÃO-CAUPI

Esse é um tipo de feijão que apresenta rusticidade bastante elevada, especialmente em relação à demanda hídrica, adaptando-se bem às condições de menor disponibilidade de água. Por isso, sua maior representatividade é na Região Nordeste e em áreas com características mais áridas no Centro-Oeste e no Sudeste (particularmente em Mato

Grosso e Minas Gerais, respectivamente).

Nesta primeira safra, os maiores destaques ficam por conta do cultivo no Piauí e na Bahia, que, juntos, devem representar mais de 86% da área estimada para o plantio do feijão-caupi em todo o país. Ao todo, deverão ser mais de 380,8 mil hectares semeados com a cultura nesse ciclo.

O plantio da cultura é, usualmente, mais tardio, se comparado ao feijão-comum cores e feijão-comum preto, e isso tem certa relação com o regime pluviométrico “diferente” encontrado nessas regiões produtoras. A tendência é que as operações sejam intensificadas a partir de novembro e dezembro, podendo se estender até o início do próximo ano em algumas localidades.

QUADRO 2 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2021/2022											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						S/E	E/DV/F	DV/F	EG/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							S/E/DV	S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	C	C
MT*	Sudeste Mato-grossense				S/E	DV	F	EG/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				S/E	DV/F	F/EG	M/C	C				
GO	Leste Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Sul Goiano				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				
	Norte Goiano				S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C				
DF	Distrito Federal				S/E	DV/F	EG/M	M/C	C				

continua

Legenda – Condição hídrica

	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva				

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra - Safra 2021/2022											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
MG	Noroeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Norte de Minas					S/E	S/E/DV	F/EG	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Oeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Campo das Vertentes				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
	Zona da Mata				S/E	S/E/DV	F/EG	EG/M/C	C				
SP*	Bauru		PS	S/E	DV/F	EG	EG/M	M/C	C				
	Assis		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C					
	Itapetininga		S/E	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C					
PR	Norte Central Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			S/E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			S/E/DV	E/DV	F/EG	EG/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Serrana			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			S/E	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M/C	C				

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

*parte irrigada

Fonte: Conab.



Foto 2 - Feijão em florescimento em Brasília -DF

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de feijão, [clique aqui](#).



MILHO

ÁREA

20.888,7 mil ha

4,8%

PRODUTIVIDADE

5.587 kg/ha

+28%

PRODUÇÃO

116.711,5 mil t

+34,1%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 5.587,3 mil t

PRODUÇÃO 116.711,5 mil t

IMPORTAÇÕES 900 mil t

116.711,5 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 76.043,9 mil t

EXPORTAÇÕES 36.680 mil t

112.723,9 mil t

A semeadura do milho de primeira safra, para a temporada 2021/22, apesar da menor escala quando comparada com o exercício anterior, foi marcada pela continuidade dos efeitos do clima, caracterizado pelo atraso e inconstância das condições climáticas, nas diversas regiões produtoras.

No final de outubro, 44% das lavouras já haviam sido semeadas no país, um pequeno atraso em relação ao mesmo período da safra anterior.

OFERTA E DEMANDA

Para a safra 2020/21, a companhia apresenta sua nova expectativa de produção de milho. É esperado uma produção total de 87 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de 15,1% em relação à safra 2019/20. Esse ajuste ocorre diante da constatação em campo de uma significativa redução de produtividade daquela safra. Por outro lado, a Conab prevê uma produção de 116,7 milhões de toneladas para a safra 2021/22 diante de um aumento esperado de 28% da produtividade das lavouras.

Em relação aos dados de demanda doméstica, a Conab projeta 72,3 milhões de toneladas a serem consumidas no ano-safra 2020/21, um aumento de 5,4%, comparado a 2019/20, a projeção é sustentada no bom

desempenho das exportações da indústria de proteína animal em 2021. Nesse sentido, a Conab espera que em 2022 aquele setor mantenha o crescimento, de modo que se espera 76 milhões de toneladas a serem demandadas internamente ao longo da safra 2021/22, cabe lembrar que o desempenho da economia mundial em 2022 será determinante na sustentação da demanda pela proteína animal brasileira.

Assim, a Conab mantém a sua projeção de importação de milho em 2,3 milhões de tonelada da safra 2020/21, e projeta um volume de 900 mil toneladas na safra 2021/22. A redução de 61% para a próxima safra ocorre diante da expectativa de aumento da disponibilidade do cereal no mercado nacional em 2022. Para as exportações, a Conab preve o número de 20 milhões de toneladas de milho da safra 2020/21 a serem exportadas. Para a safra 2021/22, frente ao aumento da produção e de uma moeda doméstica desvalorizada, a Conab estima que 36,7 milhões de toneladas serão exportadas.

Em relação aos ajustes citados, o estoque esperado ao fim do ano-safra 2020/21 é de 7,6 milhões de toneladas, redução de 28,3% em comparação à safra anterior. Esse arranjo é explicado, principalmente, pela redução da produção total de milho causada pela menor disponibilidade hídrica durante o desenvolvimento das lavouras de segunda safra. Portanto, para a safra 2021/22, a Conab espera que o estoque final deverá ser de 12,5 milhões de toneladas, dado que indica a recomposição da disponibilidade interna do cereal para atender a demanda no período da entressafra brasileira.

TABELA 8 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - MILHO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2015/16	10.531,3	66.530,6	3.336,2	80.397,1	56.319,1	18.847,3	5.231,4
2016/17	5.231,4	97.842,8	952,5	104.027,0	57.337,3	30.813,1	15.876,2
2017/18	15.876,2	80.709,5	900,7	99.203,1	59.162,0	23.742,2	14.582,1
2018/19	14.582,1	100.042,7	1.596,4	116.221,2	64.957,8	41.074,0	10.189,4
2019/20	10.189,4	102.515,0	1.453,4	114.157,8	68.662,5	34.892,9	10.602,4
2020/21	10.602,4	87.023,8	2.300,0	99.926,2	72.338,9	20.000,0	7.587,3
2021/22	7.587,3	116.711,5	900,0	123.198,8	76.043,9	36.680,0	12.474,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021.

Estoque de Passagem: 31 de Janeiro.

AVALIAÇÃO POR ESTADO

MILHO PRIMEIRA SAFRA – 2021/22

Em Tocantins, o início da semeadura deverá ocorrer em meados de novembro. São áreas voltadas para a agricultura familiar e, em muitos casos, dependem do apoio das prefeituras e do próprio estado, na mecanização das áreas, na distribuição de sementes, assim como no apoio da assistência técnica. Os agricultores de médio porte, com maior poder de investimento, optam por semear o milho em meados de dezembro, após ou próximo da conclusão do plantio da soja. Na safra passada, a área com o milho primeira safra correspondeu apenas a 2,5% da área total semeada no estado

No Maranhão, o plantio da primeira safra de milho foi iniciado em algumas unidades produtivas da região sul, equivalendo a cerca de 2% da área total em razão do início do período chuvoso na região. O plantio de milho pelos grandes produtores ganhará maior intensidade em novembro e dezembro, após a finalização do plantio da soja. Nas demais regiões, o plantio será efetuado entre novembro e fevereiro de 2022, por grandes, médios e pequenos agricultores, a depender da continuidade das chuvas e do recebimento das sementes do governo. No leste maranhense, parte

dos grandes produtores realizará o cultivo de milho após o plantio da soja, em fevereiro de 2022. As prefeituras de alguns municípios disponibilizam tratores para arar e gradear terras a serem cultivadas pelos agricultores familiares. Grande parte da produção da cultura será voltada para a comercialização do produto, na forma de milho verde, pela agricultura familiar em abril e maio de 2022. Os grãos secos, colhidos de março a julho de 2022, serão usados para consumo próprio, ração para os animais, comercialização no mercado local e em outros estados. Para a presente safra, estima-se aumento de 0,6% na área, atingindo 272,7 mil hectares.

Na Bahia, o plantio apresenta-se de forma incipiente devido à ocorrência de poucas chuvas. A pequena parcela, já iniciada, se encontra na fase de emergência e desenvolvimento vegetativo. O plantio é realizado de forma convencional ou plantio direto, em manejo de rotação de cultura, com a lavoura da soja e algodão. É utilizado o manejo mecanizado, com semente ONG, com as duas características de transgenia (tolerância à lagarta e à herbicida) e intenso uso de fertilizantes e defensivos, buscando-se altas produtividades. A alta nos preços no mercado interno, com as crescentes demandas interna e externa, aliado às expectativas de um bom regime chuvoso, estimulam a expansão da área cultivada, estimando-se que 90% da área cultivada se destine à comercialização do mercado atacadista, granjeiro e exterior, e os outros 10% para manutenção das criações das propriedades agrícolas e alimentação humana. Os fertilizantes e defensivos para esta safra foram adquiridos no final da safra passada, sendo relatado alta de cerca de 50% nos fertilizantes e 15% nos defensivos, aumentando o custo médio das lavouras em 15%. Foram relatadas dificuldades na aquisição de herbicidas, que devem ser solucionadas nos próximos meses.

Em Mato Grosso, o plantio do milho já teve início, e estima-se que já

atinga 24,2% do espaço alocado à cultura, encontram-se em fase de emergência. Registra-se incremento de área na ordem de 18,6%, passando de 52,2 mil hectares para 61,9 mil hectares. São fatores que explicam esta incorporação de novas áreas: os preços elevados para o milho, a relação entre oferta e demanda bastante ajustada e a grande necessidade de se adquirir milho nas cadeias produtivas, bem como sua utilização em áreas a serem sucedidas pelo algodão, representando uma interessante estratégia para rotação de cultura sem perder tanta rentabilidade em relação ao custo de oportunidade da soja. No que se refere ao mercado futuro, o maior otimismo em relação ao clima permite o avanço nas negociações, a despeito do considerável aumento nos custos de produção, via preços de insumos, o que tem sido monitorado pelo produtor.

Em Mato Grosso do Sul, a expectativa de área com milho apresentou aumento de 28,2% em relação à safra anterior, mas a maior parte das lavouras serão implantadas somente após a semeadura da soja, ao final do próximo mês. A expectativa de preços ainda mais elevados no momento da colheita e altas produtividades do milho nos últimos anos estimulou mais produtores a investir no cultivo.

Em Goiás, apesar das boas condições hídricas do solo, o plantio do milho verão segue um ritmo bem mais lento que o da cultura da soja. Historicamente, devido a questões de valoração e de liquidez, os agricultores investem suas prioridades na cultura da soja. A velocidade do plantio do milho verão aumentará na medida em que se encerre o plantio da soja, e no sudoeste goiano se dará durante novembro. O argumento econômico que motiva o plantio da soja em detrimento do milho verão ainda é mais forte para a maioria dos produtores, uma vez que possibilita a realização de duas safras durante o ano, com o plantio do milho apenas durante a segunda safra. Ocorrem registros de grandes produtores que

realizarão a semeadura do milho para a rotação de culturas durante a primeira safra e também de áreas que devem ser implantadas na porção mais ao sul do estado, onde provavelmente o milho será destinado à fabricação de etanol em municípios onde estão sendo implantadas usinas do tipo “Flex” e do tipo “Full”. As áreas a serem cultivadas com milho verão são, predominantemente, destinadas ao mercado interno, relacionadas à produção de ração animal e recentemente à produção de etanol. A tecnologia empregada é na maioria alta, alcançando excelentes produtividades, visto que o milho com média e baixa tecnologia apresentam uma rentabilidade pouco competitiva em relação à soja. As informações a respeito do quantitativo destas áreas ainda não estão totalmente consolidadas, e devem ser confirmadas apenas após a finalização da semeadura da soja. De modo geral, e, preliminarmente, trabalha-se com a manutenção das áreas da safra 2020/21 em virtude da boa rentabilidade da soja e a baixa capacidade estática de armazenagem disponível para o produto.

Em Minas Gerais, as lavouras de milho estão em fase de plantio, com o percentual variando entre 15% a 20%. As condições de mercado, com os preços atrativos, incentivaram o plantio antecipado do milho irrigado, a fim de obter uma colheita mais precoce em algumas localidades.

Em São Paulo, estima-se que 60% da área prevista para a cultura já esteja semeada. Nas regiões mais ao norte e nordeste, o clima seco, que inviabilizava o plantio, já foi normalizado. Nas regiões mais ao sul (Avaré e Itapeva), onde ocorre o plantio irrigado, os produtores já iniciaram as operações.

No Paraná, a cultura foi afetada inicialmente pelo clima seco, atrasando o plantio. Com as chuvas mais presentes neste mês ocorreu avanço do

plantio, que hoje estima-se em 93%. A nebulosidade presente nestes dias podem estar causando atraso no desenvolvimento em virtude da falta de luminosidade. Atualmente, a cultura está predominantemente nos estágios de germinação, com 7%, e desenvolvimento vegetativo 93%, com praticamente 97% em boas condições. Há relatos de ocorrência de cigarrinha *dalbulus maidis*, vetora dos patógenos responsáveis pelos complexos de enfezamento que atacam a cultura do milho. O aumento da área é reflexo das condições de mercado favoráveis desse grão. Apesar disso, somente cerca de 3% do grão foi vendido antecipadamente.

Em Santa Catarina, apesar dos prejuízos causados pelos ataques de cigarrinha na safra passada, estima-se redução de apenas 1,7% na área semeada, nesta safra, alcançando 340,2 mil hectares. As lavouras encontram-se em boas condições de germinação, com 6,43%, em desenvolvimento vegetativo 92,73% e 0,84% já iniciaram o florescimento. Seguindo as orientações técnicas na escolha dos cultivares mais tolerantes ao enfezamento e do controle precoce da cigarrinha, os produtores têm mantido a infestação em níveis baixos.

No Rio Grande do Sul, o tempo contribuiu, e a semeadura do milho evoluiu de 55% em setembro para 64% em outubro. A boa disponibilidade de umidade no solo favorece tanto o avanço da semeadura quanto o estabelecimento das lavouras. O potencial produtivo, até o momento, está muito próximo do máximo, sem registro de importantes intercorrências. Apenas foram registrados pontos isolados, com danos por granizo, ocorridos em um dos eventos de chuva intensa. A cigarrinha, que causou muitas perdas na safra passada, até o momento encontra-se sob controle, muito pelo manejo efetivo realizado pelos produtores neste ciclo. Em boa parte do estado, a semeadura das lavouras do cerrado já foram concluídas, nas demais segue em evolução. Com 96% da área semeada em

desenvolvimento vegetativo e 4% em emergência, em alguns dias deve-se ter o registro das primeiras lavouras a iniciar florescimento, ou seja, a cultura já se encontra em fase crítica de definição do rendimento.

Dessa forma, as expectativas para a cultura na primeira safra, da temporada 2021/22, são do plantio de 4.457,2 mil hectares, acréscimo de 2,5% em relação à safra passada, e uma produção de 28.600,6 mil toneladas, incremento de 15,7% quando comparada com o exercício anterior.

As previsões que envolvem o plantio do milho segunda e terceira safras, para o período 2021/22, seguem modelos com metodologia própria da companhia, relacionando dados subjetivos e análises estatísticas de registros históricos estaduais para essas lavouras. O cenário visualizado é de incremento da área em razão da importância deste plantio para o quadro geral de suprimento e das condições estimulantes dadas pelo mercado, tais como: necessidade de recomposição dos estoques, a produção de etanol à base do cereal, aumento nacional nos níveis de confinamento, aumento da produção brasileira de proteína animal e da participação cada vez crescente do milho em grãos nas exportações do agronegócio.

Por essa razão, a estimativa nacional de milho, na temporada 2021/22, considerando a segunda intenção de plantio dos produtores e da metodologia aplicada para os registros da segunda e terceira safras do cereal, deverá apresentar área plantada totalizando 20.888,7 mil hectares, variação de 4,8% em relação ao ocorrido na safra passada, e uma previsão de produção atingindo 116.711,5 mil toneladas, representando crescimento de 34,1% em relação ao exercício anterior.

QUADRO 3 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E DE POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2021/2022											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
PA	Sudeste Paraense				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MA	Oeste Maranhense					S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Sul Maranhense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
PI	Norte Piauiense						S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Norte Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Centro Sul Baiano					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
MT	Sudeste Mato-grossense				S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
GO	Centro Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Leste Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul Goiano			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
DF	Distrito Federal			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
MG	Noroeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Belo Horizonte			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sul/Sudoeste de Minas			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campo das Vertentes			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Zona da Mata			S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	São José do Rio Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Ribeirão Preto			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Bauru			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Campinas			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Itapetininga			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Macro Metropolitana Paulista			S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
PR	Norte Central Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro Oriental Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudoeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Centro-Sul Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	F/EG	EG/M	M/C	C			
	Metropolitana de Curitiba		S/E/DV	S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			

Continua

Legenda – Condição hídrica

Favorável	Baixa Restrição - Falta de Chuva	Baixa Restrição - Excesso de Chuva	Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Média Restrição - Falta de Chuva	Média Restrição - Excesso de Chuva	Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva	Alta Restrição - Excesso de Chuva	Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra - Safra 2021/2022											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
SC	Oeste Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Serrana		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí		S/E/DV	E/DV	DV/F	DV/F/EG	EG/M	M/C	C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense	S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	EG/M/C	C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			
	Sudeste Rio-grandense		S/E/DV	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MILHO SEGUNDA SAFRA – 2020/21

Com o encerramento da colheita do milho segunda safra, os números mostraram a forte influência dos efeitos do clima, especialmente na Região Centro-Sul, com precipitações abaixo da média, afetando o desenvolvimento das lavouras e no período final da colheita, sendo surpreendidas com a ocorrência de geadas, comprometendo ainda mais os níveis de produtividade. No presente exercício ocorreu aumento na área cultivada de 8,6% em relação à safra 2019/20, atingindo 14.999,2 mil hectares. Esse incremento, pelas razões apresentadas, não se traduziu em um aumento da oferta, com a produção da segunda safra atingindo 60,7 milhões de toneladas, redução de 20,8% em relação à safra passada.

MILHO TERCEIRA SAFRA – 2020/21

Para a terceira safra de milho, as estimativas dão conta de uma área plantada atingindo 584,8 mil hectares, com a produção duramente afetada pelas condições climáticas nos diversos estados produtores, atingindo 1.561,1 mil toneladas, com redução de 15,3% em relação à safra 2019/20.

Na Bahia, com o cultivo irrigado, as lavouras se desenvolveram sem registro de problemas, apresentando boas produtividades durante a colheita. Na região nordeste do estado, o clima favorável deve melhorar a produção desta safra, quando comparada com a safra anterior. Além disso, acredita-se que possa aumentar ainda mais, caso a previsão para as próximas semanas sejam confirmadas. Em outubro foram registradas poucas chuvas em toda a região produtora, auxiliando as lavouras devido as fases em que se encontram, de maturação e colheita. Nos municípios interioranos, a má distribuição das chuvas, durante o ciclo da cultura, limitou significativamente a produtividade. Estima-se o cultivo de 25% de semente ONG, 50% de semente híbrida e 25% de grãos (sementes armazenadas da safra anterior, sementes crioulas, variedades e F2 de sementes ONG e híbridas), sendo encontrados na região dois sistemas de manejo distintos. Cerca de 25% de toda a área cultivada no nordeste do estado é realizada com intenso uso de máquinas e insumos, sendo todas as operações mecanizadas. Outros 75% do cultivo é realizado com reduzido uso de insumo, com a mecanização do preparo da área e debulhamento das espigas de milho (em algumas localizadas o plantio e as pulverizações são mecanizadas), com as demais operações, como plantio, capina, pulverização e colheita realizada de forma manual. A cotação do milho no início do ano influenciou na decisão de aumento da área cultivada em detrimento do feijão, pastagem e outras lavouras anuais.

Em Sergipe, o início da colheita ocorreu ainda no final de setembro, atingindo em torno de 15% das áreas, até o final de outubro. As lavouras de milho se encontram basicamente no estágio de maturação. Os produtores deixam as espigas perderem umidade no campo, mesmo diante dos riscos de perda de qualidade com ataques de insetos ou até mesmo com a ocorrência de chuvas fora de época. No presente ano, as condições estão ideais para a perda de umidade das espigas no campo em virtude das elevadas temperaturas e reduzidas chuvas, principalmente em outubro, condição que contribuirá para adiantar a colheita das áreas. A qualidade do produto é variável, uma vez que as chuvas foram bem irregulares até dentro do município, condição que ocasionou diferenças significativas de rendimentos e qualidade do grão em lavouras relativamente próximas. A falta de equipamentos para realizar as operações de colheita, limpeza, secagem e armazenamento do produto podem ter relação direta com a queda nos preços. O armazenamento em silos-bolsas por longo período não é a condição ideal, e alguns produtores têm prejuízo quando vão abrir o silo para comercializar sua produção, como por exemplo a perda de produto por excesso de umidade nos lados onde a bolsa estava em contato com o solo. Considerando que a colheita está no início, manteremos o rendimento médio de 4.180 kg/ha, com a área total plantada de milho estimada em 164,5 mil hectares. A produção está calculada em 687,6 mil toneladas.

Em Alagoas, com aproximadamente 50% das lavouras concluídas, os números de produtividade ainda sofrem alterações referente ao levantamento anterior. A área total preliminar, de 44,3 mil hectares, apresentou alterações significativas na produtividade, considerando-se as perdas registradas durante o processo de colheita. O estado tem avançado na produção de milho, com cultivo de áreas, níveis de investimentos e uso de tecnologias.

Em Roraima, a colheita está programada para se estender até novembro. A

expectativa de produtividade permanece na média estadual de 6.000 kg/ha.

QUADRO 4 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões	Milho terceira safra - Safra 2020/2021											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
PE	Agreste Pernambucano - PE	M/C	M/C	C					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
SE	Agreste Sergipano - SE	M/C	M/C	M/C	C				PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	M/C	M/C	C	C			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 3 - Lavoura de milho em fase de colheita no município de Euclides da Cunha – BA

Fonte: Conab.

Foto 4 - Lavouras de milho em ponto de colheita no Município de Paripiranga – BA



Fonte: Conab.



Foto 5 - Operação de colheita de milho no município de Rio Real – BA

Fonte: Conab.

Foto 6 - Operação de armazenamento de milho em silo bolsa no município de Rio Real – BA



Fonte: Conab.



Foto 7 - Colheita de amostras de milho para avaliação objetiva da produtividade no município de Rio Real – BA

Fonte: Conab.

Foto 8 - Milho terceira safra maturação - SE



Fonte: Conab.

Foto 9 - Colheita de milho terceira safra em Pedra Mole - SE



Fonte: Conab.

Foto 10 - Milho terceira safra em Itabaianinha - SE



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de milho, [clique aqui](#).



SOJA

ÁREA

40.273,6 mil ha
3,5%

PRODUTIVIDADE

3.526 kg/ha
0%

PRODUÇÃO

142.009,9 mil t
3,4%

Comparativo com safra anterior.
Fonte: Conab.

A área brasileira de soja deverá apresentar crescimento de 3,5% em comparação à safra anterior, atingindo 40,3 milhões de hectares, enquanto a produção passa a atingir 142 milhões de toneladas, com aumento de 3,4% em relação à safra 2020/21.

Uma preocupação destacada pelos produtores nesta temporada está relacionada aos custos com fertilizantes, defensivos e sementes, que apresentaram, neste ano, fortes incrementos.

No final de outubro, 53% das lavouras já haviam sido semeadas no país, um percentual superior ao da safra anterior, cujo percentual semeado em outubro de 2020 foi de 36%.

OFERTA E DEMANDA

A Conab disponibiliza os quadros de oferta e demanda de soja para as safras 2020/21 e 2021/22. Para os anos anteriores, a Conab segue em processo de revisão das estatísticas referentes ao quadro.

Durante o período em que a Conab ficou sem publicar o quadro de oferta e demanda houve uma série de ajustes metodológicos. O primeiro, foi a revisão da produção anunciada em agosto de 2020, quando ocorreu uma reavaliação dos dados primários, fato que indicou a necessidade de um ajuste na produtividade das safras 2013/14 a 2019/20.

A partir da revisão dos números de safra, foram revisados também outras variáveis que compõem o quadro de oferta e demanda. Nesse sentido, para sementes, passamos a adotar como parâmetro a quantidade média aproximada de sementes necessárias para o plantio que constam nos painéis de custo de produção realizados pela Conab, sendo esse parâmetro o utilizado para os dados abaixo. Para o cômputo das perdas, foi utilizado o índice de perdas calculado pela Conab e divulgado no livro Perdas em Transporte e Armazenagem de Grãos², publicado em 2021 pela companhia.

Em relação às exportações e importações históricas, a fonte de dados continua a ser as estatísticas oficiais divulgadas pelo Ministério da Economia.

Para previsão das importações são considerados fatores como disponibilidade interna e dados históricos. Para previsão de exportações, considera-se, além da oferta interna, os dados históricos, as expectativa de consumo mundial, as expectativas de exportações mundiais e dados históricos dos principais importadores de soja brasileiro.

Para os estoques iniciais em 2020/21 foram utilizados os estoques de soja em grãos estimados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Por fim, para estimar os esmagamentos, foram utilizados dados da Agência Nacional de Petróleo – ANP e de mercado como base para consumo de óleo de soja, e para consumo de farelo, foram utilizados as metodologias estatísticas de crescimento de produção de proteína animais com base em dados de mercado e de instituições do setor. Um desafio ainda, premente é a disponibilização de estatísticas de uso de soja dentro do grupo “Outros

² CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Perdas em transporte e armazenagem de grãos: panorama atual e perspectivas. Brasília, DF: Conab, 2021. 197 p. Organizadores: MACHADO JÚNIOR, Paulo Cláudio; REIS NETO, Stelito Assis dos.

Materiais Graxos”. Esse valor não é informado pela ANP e foi estimado pela Conab.

Feita essa retrospectiva da metodologia, a Conab estima que, para a safra 2020/21, a produção nacional de soja em grãos seja de 137,32 milhões de toneladas e as importações estão estimadas em 900 mil toneladas.

Ainda para 2021, por parte da demanda, é estimado um esmagamento de 47,17 milhões de toneladas, com sementes e perdas calculado em 3,47 milhões de toneladas, as exportações são estimadas em aproximadamente 84,42 milhões de toneladas, gerando um estoque final de 7,38 milhões de toneladas.

Para a safra 2021/22, a Conab estima uma produção de 142,01 milhões de toneladas e uma importação de 500 mil toneladas.

Já a demanda a Conab estima um esmagamento de 47,06 milhões de toneladas. Para tanto, com projeções conservadoras na produção de óleo de soja para 2022, mas podendo ser alterada caso haja um aumento de percentual do biodiesel no diesel e caso haja um aumento significativo no consumo de diesel em função de uma recuperação econômica maior do que a prevista atualmente. As sementes e perdas pós-colheita são estimadas em 3,61 milhões de toneladas e as exportações em 89,92 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem estimado em 9,30 milhões de toneladas.

Por fim, os dados referentes ao quadro de oferta e demanda das safras anteriores ainda estão sendo revisados. Apesar da revisão dos dados de produção da Conab, ainda necessitamos finalizar a revisão dos dados históricos de consumo e, eventualmente, de outras variáveis do quadro, para garantir que o quadro das safras anteriores a ser publicado seja consistente, considerando a oferta total e a demanda total ano a ano.

TABELA 9 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - SOJA - EM MIL T

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
SOJA EM GRÃO	2020/21	4.220,8	137.320,5	900,0	142.441,3	50.641,9	84.420,6	7.378,8
	2021/22	7.378,8	142.009,9	500,0	149.888,7	50.669,9	89.923	9.295
FARELO	2020/21	1.473,1	36.038,6	1,2	37.512,9	17.905,4	16.900	2.708
	2021/22	2.707,5	35.952,0	1,5	38.661,0	18.507,2	17.058	3.096
ÓLEO	2020/21	414,7	9.575,7	130,0	10.120,4	8.566,0	1.400	154
	2021/22	154,4	9.510,7	200,0	9.865,1	8.582,1	1.100	183

Fonte: Conab e Secex..

Nota: Estimativa em novembro/2021.

Estoque de Passagem: 31 de dezembro.

ANÁLISE REGIONAL

REGIÃO NORTE-NORDESTE

A expectativa de plantio regional deverá atingir 6.103,9 mil hectares, incremento de 3,9% em relação à safra anterior. O quadro climático apresenta-se com um ritmo melhor, quando comparado com a safra passada.

Em Rondônia deverá ocorrer, na safra atual, aumento de 73 mil hectares, variando de 396,5 mil hectares na safra 2020/21 para 469,1 mil hectares na safra 2021/22, incremento de 18,3%. As chuvas iniciaram, na primeira quinzena de setembro, de forma esparsas e pontuais, acompanhadas de ventos fortes. Invariavelmente choveu em todos os municípios rondonienses. Cerca de 32% da área já está semeada, de um total previsto de 469,1 mil hectares, tendendo a seguir um ritmo que iniciou com 4% em setembro, 46% em outubro e finalizando com 50% em novembro. Os estágios das lavouras apontam que 95% se encontram em germinação, 4,5% em desenvolvimento vegetativo e 0,5% em florescimento. Até o momento, não foi noticiado necessidade de replantio.

Em Tocantins, o clima vem contribuindo para o avanço da semeadura. Houve registro do plantio no dia 1º de outubro devido ao volume de chuvas registrado a partir da segunda quinzena de setembro. Estima-se que, até o momento, tenha ocorrido a semeadura de aproximadamente 15% da área. Os produtores que adquiriram os insumos até meados de abril conseguiram melhores negociações. A partir de maio, os insumos (fertilizantes, sementes e defensivos) sofreram elevados reajustes.

No Maranhão, o plantio foi iniciado em outubro e deverá se estender até dezembro, na maior região produtora, os Gerais de Balsas e Chapada das Mangabeiras, na região sul do estado. Na região de Porto Franco, nas regiões de Imperatriz e Pindaré, no oeste do estado; nas regiões de Alto Mearim, Grajaú e de Presidente Dutra, no centro do estado; e ainda na região das Chapadas do Alto Itapecuru e de Caxias, os produtores aguardam a regularização das chuvas para realizar o início do plantio a partir de novembro, estendendo-se até janeiro de 2022. Nas regiões do Médio Mearim, no centro; e nas regiões Coelho Neto, Chapadinha e Baixo Parnaíba Maranhense, o plantio ocorrerá entre o final de dezembro e meados de fevereiro de 2022, com a normalização das chuvas nessas regiões. Cabe ressaltar que a região norte maranhense as microrregiões: Baixo Parnaíba Maranhense, Caxias, Chapadinha, Codó e Coelho Neto, no leste maranhense; a microrregião Gurupi, no oeste maranhense, e a microrregião Médio Mearim, no centro maranhense, permanecem no período de vazio sanitário vegetal para a cultura da soja, até 15 de novembro. O cultivo da soja é realizado com uso de diversas variedades adaptadas às condições de cada região, de ciclo precoce, médio e tardio. Os sistemas de plantio utilizados são: plantio direto, semidireto e convencional, em menor escala, dependendo da compactação do solo da área. Em todas as áreas há uso de cobertura do solo com sorgo, milho, braquiária, capim sudão e gergelim, entre outras. Na presente safra, os produtores relataram aumento excessivo nos preços dos

insumos, como fertilizantes e defensivos, e, conseqüentemente, do custo de produção da cultura. As empresas de produtos agrícolas informaram a falta de insumos para os produtores que não fecharam contratos antecipados, além dos atrasos nas entregas. No presente levantamento, a área de plantio, da safra 2021/22, alcançará 1.018,8 mil hectares, 1,3% acima da área da safra passada devido ao aumento identificado nas regiões de Presidente Dutra, no centro, e de Caxias, no leste do estado.

No Piauí, as primeiras áreas de soja foram plantadas a partir de 15 de outubro, e até o final da semana do levantamento de safra, cerca de 3% da área já estava plantada, o que representou uma antecipação do plantio com relação à safra passada. Para a safra 2021/22 deve ocorrer um aumento na área de soja na ordem de 7%, principalmente devido à abertura de novas áreas, suportado pelos bons preços no mercado, o que viabiliza o investimento na abertura de áreas. Dessa forma, a princípio, espera-se que a área de soja alcance 893,2 mil hectares.

Na Bahia, o plantio irrigado foi iniciado em outubro, em cerca 30.000 hectares, com autorização da antecipação do vazio sanitário. Com o término do vazio sanitário em 8 de outubro, foram semeados cerca de mais 70.000 hectares irrigados, visto que não houve relatos de restrições, nem por limitação hídrica e nem pelo alto custo da energia elétrica. Com o início das chuvas foi iniciado o plantio das lavouras de sequeiro. Estima-se que 6% da área esperada para esta safra esteja plantada. A lavoura se encontra na fase de emergência e desenvolvimento vegetativo. Os fertilizantes e defensivos para esta safra foram adquiridos no final da safra passada, sendo relatado alta de 50% nos custos com fertilizantes e 15% nos custos com defensivos, aumentando o custo médio das lavouras em cerca de 20%. Foram relatadas dificuldades na aquisição de herbicidas, que devem ser solucionadas nos próximos meses.

REGIÃO CENTRO-OESTE

A região apresenta estimativa de crescimento na área plantada de 4,3%. Do ponto de vista climático, a região tem recebido chuvas em quantidades variadas, e o volume tem sido superior ao registrado no ano passado, para o mesmo período, apesar de ainda não ser suficiente para alavancar a semeadura da soja, de maneira abrangente e generalizada.

Em Mato Grosso, o clima tem favorecido a implantação da soja, e calcula-se, que até o final de outubro, a semeadura atinja 84,3% da área estadual. No ano passado, o acumulado se restringia a apenas 44,7%, em ciclo marcado pelo atraso no início das chuvas. Nesta temporada, ao contrário, as precipitações pluviométricas demonstram-se abundantes e generalizadas, de forma geral, não havendo atrasos em relação à média histórica. A velocidade no plantio da soja pode ser atribuída não apenas às condições climáticas favoráveis, mas também ao maquinário mais moderno, com crescente tecnologia empregada ao processo, fruto dos crescentes investimentos no setor. Inclusive, há relatos de fazendas que têm retardado o ritmo dos trabalhos de plantio, para não haver grande concentração de colheita em um curto período de tempo, o que poderia proporcionar perdas. Busca-se também mitigar eventuais riscos climáticos. Houve relatos pontuais de atraso na entrega de insumos e fertilizantes, mas nada que venha a atrapalhar o andamento da safra. Calcula-se que a grande maioria das sementes apresentam ciclo que variam de médio a precoce, restando apenas uma minoria com ciclo tardio, algo em torno de 5%. De modo geral, no encerramento de outubro, as lavouras apresentavam avaliação sanitária favorável, entre boa e ótima, calculando-se que cerca de 45% das lavouras se encontram em emergência, ao passo que 55%, aproximadamente, estão no estágio de desenvolvimento vegetativo. Com o clima favorável e os maiores investimentos atrelados à cultura, fruto dos incentivos mercadológicos,

as perspectivas são de produtividade média bastante favorável, a ser confirmada com o avanço da safra. Projeta-se área estadual de 10,9 milhões de hectares, com salto de 3,8% em relação aos 10,5 milhões de hectares semeados na temporada passada, sobre áreas de pastagem degradada.

Em Mato Grosso do Sul, com os bons volumes e a boa distribuição das chuvas, a semeadura da soja atingiu 41% da área estadual para a safra 2021/22, apresentando em outubro excelente germinação e emergência das plantas. As primeiras lavouras semeadas estão recebendo a aplicação de herbicida pós-emergente. Os dois temporais que ocorreram durante outubro provocaram perdas pontuais, que não chegam a 0,1% das áreas previstas para o estado, as quais necessitarão de ressemeadura. O vendaval do dia 15 arrastou palhada de milho, provocando a quebra de caule da soja recém-emergidas, reduzindo muito a população de plantas. Já no dia 23 foi constatado chuva de granizo, estragando algumas lavouras.

Em Goiás, o aumento na área plantada ocorre principalmente sobre áreas de pastagem em municípios com menor tradição agrícola, fato que ocasionará uma leve diminuição da produtividade média estadual. Em outubro, até esta semana, foi observado índices de precipitação acima da normal climatológica em praticamente todas as regiões produtoras. Tal índice pluviométrico propiciou uma melhor acumulação de água no solo em relação às safras anteriores, fato que condicionou, bem como o condicionamento tecnológico, o plantio mais antecipado elevando os percentuais de plantio da soja em níveis acima da média histórica, alcançando cerca de 70% da área plantada no início da última semana de outubro nos municípios de Rio Verde, Jataí e Montividiu. Ponderando as áreas plantadas nas demais regiões, o início da última semana de outubro chega a um índice de plantio em cerca de 55%. Nas próximas semanas as áreas plantadas começaram a avançar na porção leste e norte do estado.

Nesta safra em torno de 80% dos produtores já adquiriram os fertilizantes, enquanto os defensivos ainda aguardam o momento adequado para a logística das entregas nas propriedades. Existem relatos pontuais de dificuldades relacionadas a disponibilidade e entrega de fertilizantes mesmo para os agricultores que realizaram compras antecipadas destes insumos. Aproximadamente 3,7% das sementes são convencionais, evidenciando extrema predominância do uso de sementes transgênicas. Observa-se em alguns municípios redução da porcentagem de áreas cultivadas com soja convencional, em parte explicada pelos bons preços no mercado de soja OGM e também devido à obtenção, muitas vezes, de produtividades reduzidas que não chegam a compensar a bonificação no preço recebido pelo produto quando do plantio da soja convencional.

REGIÃO SUDESTE

O desempenho das lavouras em São Paulo e Minas Gerais, na temporada 2020/21, quando foram registrados recordes históricos de área, produtividade e produção, estimularam os produtores a incrementarem a área plantada, estando previsto crescimento de 5,2%, atingindo 3.219,3 mil hectares.

Em São Paulo, apesar do elevado aumento nos custos de produção, os produtores apostam no incremento da área plantada com a oleaginosa. As maiores áreas estão concentradas nas regiões sul e sudoeste, onde a cultura da cana-de-açúcar não tem encontrado condições propícias para o seu desenvolvimento, como também na região norte/noroeste, com destaque para os municípios em torno de Ribeirão Preto, onde há grande concentração de usinas de cana-de-açúcar.

REGIÃO SUL

Apesar da produção recorde regional, alcançado na safra 2020/21, as informações levantadas preliminarmente junto aos produtores dão conta da manutenção da área plantada com a oleaginosa, atingindo 12,6 milhões de hectares.

No Paraná, o clima mais chuvoso em outubro afetou o plantio da cultura, ora beneficiando, ora prejudicando seu desenvolvimento. Com relação ao prejuízo, foi o excesso de chuvas e o encharcamento do solo, com ventos fortes e granizo que atrasou o avanço do plantio, causando a necessidade de replantio em algumas áreas. Na última semana do mês registra-se a menor ocorrência de chuvas, permitindo o avanço do plantio. Nas áreas plantadas, cerca de 60% do total, os estágios da lavoura estão entre germinação e desenvolvimento vegetativo, e tem 95% das lavouras em condições boas. Estima-se que a oleaginosa irá avançar sobre áreas de pastagens, feijão e cana-de-açúcar.

Em Santa Catarina, numa sequência que se observa há anos, a área explorada com a cultura da soja continua a expandir-se. Para este ciclo espera-se um crescimento de 3,7%, alcançando 722,1 mil hectares semeados. Ainda que em alguns momentos o excesso de chuvas tenha atrasado a semeadura, já foram implantadas 24% das lavouras previstas, cerca de 2% acima do que na mesma data do ano passado. Todas as áreas se encontram em boas condições, visto que 38% se encontram no estágio de germinação e 62% em desenvolvimento vegetativo. Estima-se uma produtividade média de 3.451 kg/ha, 1,6% superior à safra passada, e uma produção de 2.492 mil toneladas, 5,4% maior que no ciclo anterior. Sendo uma cultura de produtividade mais estável que o milho e preços atrativos em dólares, a cultura deverá continuar a ter a preferência dos

produtores.

No Rio Grande do Sul, a semeadura foi iniciada de maneira muito incipiente, chegando a apenas 2% até o momento da realização deste segundo levantamento. Devido às condições adequadas de umidade do solo e da ocorrência de dias secos nos últimos dias, ela deve evoluir muito rapidamente a partir da última semana de outubro, concentrando as operações até o dia 15 de novembro. A maioria dos produtores se encontra preparada para iniciar suas lavouras, com sementes, máquinas e manejo de pré-semeadura, aguardando somente o momento de iniciar as atividades. Diferentemente da safra anterior, quando a estiagem no início da janela de semeadura atrasou e obrigou seu escalonamento, na safra atual isso não deve se repetir.

QUADRO 5 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas		Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas								
UF	Mesorregiões	Soja - Safra 2021/2022											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RR	Norte de Roraima	M/C	C						PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M
RO	Leste Rondoniense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C					
PA	Sudeste Paraense			PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		S/E	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		S/E	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M/C	EG/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense		S/E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense		S/E/DV	DV	F	EG/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul		S/E	S/E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
GO	Leste Goiano		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		S/E/DV	DV	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal		S/E	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		S/E	S/E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga		S/E	S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense		S/E/DV	DV/F	F/EG/M	EG/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	S/E	E/DV	DV	DV/F	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense	S/E	S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Norte Catarinense		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	EG/M	EG/M/C	M/C	C				
	Serrana		S/E/DV	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C				
RS	Noroeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		S	S/E	E/DV	DV/F/EG	F/EG	EG/M/C	M/C	C			

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.



Foto 11- Plantio de soja no município de Balsas - MA

Fonte: Conab.

Foto 12 - Plantio de Soja em Ribeiro Gonçalves - PI



Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de soja, [clique aqui](#).



TRIGO

ÁREA

2.715,4 mil ha

16%

PRODUTIVIDADE

2.832 kg/ha

6,3%

PRODUÇÃO

7.688,7 mil t

23,3%

Comparativo com safra anterior

Fonte: Conab

SUPRIMENTO

ESTOQUE INICIAL 146,9 mil t**PRODUÇÃO** 7.688,7 mil t**IMPORTAÇÕES** 6.200 mil t

14.035,6 mil t

DEMANDA

CONSUMO INTERNO 12.346,6 mil t**EXPORTAÇÕES** 900 mil t

13.246,6 mil t

A colheita continua avançando em diversas regiões produtoras, mesmo que o ritmo das operações tenha oscilado, encontrando alguma dificuldade em certas localidades devido ao excesso de chuvas, limitando o trabalho das máquinas. Ainda assim, a perspectiva ao final de outubro era que cerca de metade da área plantada com a cultura no país em 2021 já havia sido colhida.

No geral, a safra teve um expressivo aumento de área em comparação ao ano passado, porém as irregularidades climáticas, com incidência de geadas em algumas regiões e baixos índices pluviométricos, fizeram com que o potencial produtivo para a cultura fosse diminuído. Ainda assim, a previsão é de uma produção nacional de 7.688,7 mil toneladas, nesta temporada, 23,3% superior ao volume colhido no exercício passado, que foi uma temporada reconhecidamente abaixo do esperado em razão de adversidades climáticas.

No final de outubro, 59% das lavouras já haviam sido colhidas no país, um atraso considerável em comparação com o mesmo período da safra anterior, quando já haviam sido colhidas 76% das lavouras.

OFERTA E DEMANDA

Em outubro de 2021, com o início dos trabalhos de colheita também no Rio Grande do Sul, o mercado se encontrava atento às condições climáticas, principalmente à ocorrência de precipitações, prejudicial para a fase de ceifa. As chuvas ocorridas atrasaram a colheita em ambos os estados e geraram perdas tanto de produtividade quanto de produção. A alta cambial que sustenta elevado os custos de importação atuou como fator limitante para a desvalorização das cotações no mercado doméstico, que, normalmente, ocorre com a evolução da colheita e, consequente, aumento da oferta interna. No Paraná, o trigo pão PH 78 foi cotado a R\$ 88,64 a saca de 60 quilos, apresentando desvalorização de 0,5% e, no Rio Grande do Sul, a R\$ 81,93 a saca de 60 quilos, apresentando valorização de 0,4%.

No mercado internacional, por mais um mês, as cotações apresentaram valorizações em um cenário de grande demanda internacional e menor disponibilidade de oferta dos principais países exportadores. A média mensal de outubro da cotação FOB Golfo foi de US\$ 320,83 a tonelada, apresentando valorização mensal de 6,11%.

Os dados preliminares do Ministério da Economia, referentes à Balança Comercial, apontam um volume de importações de 517,5 mil toneladas de trigo, 15,6% superior ao mês anterior, 1,8% maior que no mesmo período do ano passado e 1,2% a menos que na média dos últimos cinco anos, ou seja, no padrão da normalidade para o período.

A Conab revisou os números relativos ao quadro de oferta e demanda, no que se refere à produção, que passou de 8.190,8 mil toneladas para 7.688,7 mil toneladas devido à redução de 6,4% de produtividade. Com a redução de 6,1% da produção, foi alterada também a estimativa do volume a ser

importado, que passou de 6.000 mil toneladas para 6.200 mil toneladas. Ademais, foi reajustada a estimativa de área plantada que passou de 2.706,2 mil hectares para 2.715,4 mil hectares e, com essa alteração, houve acréscimo no consumo interno no que se refere ao uso para sementes. A partir dessas modificações, estima-se que a safra 2021/22 encerre com estoque de passagem de 788,8 mil toneladas.

TABELA 10 - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - TRIGO - EM MIL T

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
2.014	2.414,1	5.971,1	5.328,9	13.714,1	10.652,2	1.680,5	1.381,4
2.015	1.381,4	5.534,9	5.517,6	12.433,9	10.312,7	1.050,5	1.070,7
2.016	1.070,7	6.726,8	7.088,5	14.886,0	11.470,5	576,8	2.838,7
2.017	2.838,7	4.262,1	6.387,0	13.487,8	11.244,7	206,2	2.036,9
2.018	2.036,9	5.427,6	6.753,1	14.217,6	12.435,8	582,9	1.198,9
2.019	1.198,9	5.154,7	6.676,7	13.030,3	12.060,6	342,3	627,4
2020*	627,4	6.234,6	6.007,0	12.869,0	11.899,0	823,1	146,9
2021**	146,9	7.688,7	6.200,0	14.035,6	12.346,6	900,0	789,0

Legenda: (*) Estimativa.

(**) Previsão.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em novembro/2021

Estoque de Passagem: 31 de Julho.

ANÁLISE ESTADUAL

No Paraná, os eventos de geadas em julho ocorreram durante as fases reprodutivas de boa parte das lavouras de trigo, justamente quando a cultura é mais sensível a esse tipo de intempérie, além disso, em agosto foram registradas altas temperaturas na região, outro fator prejudicial ao bom desempenho da cultura. Estiagem e baixa precipitação foram fatores que também afetaram o desenvolvimento desta cultura, apesar da sua baixa necessidade hídrica. Assim, com o avançar da colheita (que já chegou a 82% da área total semeada), o que tem se observado é redução no potencial produtivo da cultura e na qualidade do grão colhido, que

apresenta problemas pontuais de perda de peso em razão do período bastante chuvoso verificado agora em outubro durante a colheita. No geral, a estimativa para a safra ainda é de um bom resultado, especificamente pelo bom acréscimo na área plantada em 2021, além do baixo rendimento médio obtido no ano passado.

No Rio Grande do Sul, o último mês teve registros de grandes índices pluviométricos, além de ocorrências pontuais de ventos fortes e granizos em regiões produtoras de trigo, causando acamamento das plantas em algumas lavouras. A sequência de dias com alta umidade e chuvas, coincidindo com o período de maturação, pré-colheita e colheita das lavouras, proporcionou redução na produtividade e, principalmente, na qualidade dos grãos colhidos. Essas condições propiciaram o desenvolvimento de fungos nas espigas, notadamente a giberela, além da perda de peso dos grãos.

Até o momento, 16% da área estadual já está colhida, com outros 42% das lavouras em fase de maturação, 41% em final de enchimento de grãos e 1% em floração.

As primeiras lavouras colhidas apresentaram uma grande variabilidade de condições. Enquanto nas regiões mais a oeste do estado, Fronteira Oeste e Missões as produtividades iniciais não ultrapassam os 2.700 kg/ha, muito em razão da estiagem que afetou as lavouras entre julho e setembro, no Alto Uruguai, Planalto Médio, Centro e Sul os rendimentos variaram entre 3.000 kg/ha a 4.000 kg/ha. Nas primeiras regiões citadas, as perdas somam cerca de 30% sobre o potencial inicial das lavouras e devem se manter assim com o decorrer da colheita, enquanto que nas demais, que tiveram menos perdas pela estiagem, com o avançar da colheita as produtividades devem ir aumentando.

Quanto à qualidade dos grãos, foi verificada uma leve redução, dada as

condições meteorológicas já descritas que favorecem o surgimento de doenças fúngicas de final de ciclo. Porém, ainda assim, a qualidade média está dentro do padrão desejado, com apenas alguns casos com PH abaixo de 78.

Em Santa Catarina, o excesso de chuvas recentes pioraram as condições das lavouras, quando comparadas ao mês anterior (lavouras consideradas em boas condições passaram de 86,49% para 76,4%, as regulares de 11,70% para 19,3% e as em condições ruins de 1,9% para 4,4%). Esta piora está relacionada ao aumento da incidência do fungo giberela (que é favorecido pela alta umidade) e ao tombamento de plantas pelo vento. Até o momento, 21% da área estadual foi colhida, visto que a qualidade dos grãos obtidos tem sido considerada boa, em sua maior parte.

Em Minas Gerais, a colheita já está finalizada nos 73,2 mil hectares cultivados com o trigo, nessa safra. De maneira geral, a escassez de chuvas, registrada em boa parte do ciclo, afetou principalmente as áreas manejadas em sequeiro, visto que essas apresentaram um resultado bem abaixo do esperado. Já as lavouras irrigadas tiveram um melhor desempenho, mesmo que a incidência de geadas em algumas localidades também tenha influenciado sobre o potencial produtivo da cultura.

Em São Paulo, a colheita do trigo já está praticamente finalizada. Os produtores aproveitaram os dias sem chuvas para avançar nas operações. No geral, o potencial produtivo da cultura foi impactado pela escassez hídrica e pela incidência de geadas ao longo do ciclo, porém as lavouras plantadas mais tardias atenuaram essas perdas, pois passaram por esse período de intempéries em fases fenológicas não tão críticas, podendo se recuperar logo depois. Ainda assim, o rendimento médio do grão nessa safra deve ser inferior ao apresentado em 2020, que também foi um ciclo com

adversidades climáticas, perfazendo um resultado final aquém do esperado.

Em Goiás, as áreas de trigo já estão colhidas. O rendimento médio foi menor que o esperado, especialmente em razão da escassez hídrica. No geral, o aumento de área plantada proporcionou um aumento na produção total em comparação a 2020, alcançando um volume de 129,3 mil toneladas do cereal, representando incremento de 39,9% em comparação à safra passada.

Em Mato Grosso do Sul, com a colheita encerrada, se pode observar a forte influência das intempéries climáticas ao longo do ciclo sobre a cultura, principalmente pelo evento de geada que aconteceu no fim de julho e afetou duramente as lavouras que foram semeadas mais cedo, que representavam mais de 50% da área estadual de produção de trigo. Parte relevante dessas lavouras sequer foram colhidas, e as demais apresentaram problemas no enchimento das espiguetas, ocasionando a formação de triguilho. O que amenizou este problema foi o mercado de rações que acabou adquirindo este produto, reduzindo o prejuízo dos triticultores. Já as lavouras semeadas mais tardiamente sofreram inicialmente com o forte período de seca, o que também reduziu a capacidade produtiva das lavouras, mas a chuva ocorrida no fim de agosto proporcionou uma produção com qualidade de grãos muito boa.

Na Bahia, o clima estável tem favorecido o ritmo de colheita, que está em fase final. O ciclo apresentou condições regulares para o desenvolvimento da cultura (que é manejada sob irrigação), mas o grande destaque da temporada foi o expressivo incremento de área plantada em comparação a 2020, devendo proporcionar um bom resultado final para a produção estadual.

QUADRO 6 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda – Condição hídrica													
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						
			Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas						

UF	Mesorregiões-	Trigo - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				S	E/DV	DV/F	F	F/EG	M/C			
PR	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV	DV/F	F/EG/M	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Norte Catarinense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Serrana					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					PS	S/E/DV	E/DV	DV/F	EG/M	M/C	C	

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra de trigo, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE VERÃO

AMENDOIM

Para a safra total do amendoim 2021/22, há uma previsão de aumento de 3,6% na área em relação à safra passada, com uma produção estimada de 624 mil toneladas.

No Paraná, o clima mais chuvoso é favorável para esta cultura de subsistência, cuja produção é utilizada na propriedade ou para vendas locais para comerciantes e fábricas de doces. As áreas semeadas, cerca de 60%, estão entre germinação e desenvolvimento vegetativo, onde 95% das lavouras estão em boas condições.

QUADRO 7 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica								
	Favorável		Baixa Restrição - Falta de Chuva		Baixa Restrição - Excesso de Chuva		Baixa Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas	
	Média Restrição - Falta de Chuva		Média Restrição - Excesso de Chuva		Média Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			
	Alta Restrição - Falta de Chuva		Alta Restrição - Excesso de Chuva		Alta Restrição - Geadas ou Baixas Temperaturas			

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra - Safra 2021/2022						
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR
SP	Araçatuba	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Araraquara	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Assis	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Bauru	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Marília	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Presidente Prudente	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	Ribeirão Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C
	São José do Rio Preto	S/E	E/DV	DV	DV/F/EG	F/EG/M	M/C	C

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

MAMONA

A previsão é de incremento na área plantada e na produção total para a safra 2021/22 em relação à temporada anterior, com indicação inicial de 50 mil hectares destinados à semeadura da cultura e um volume total a ser colhida de 33,4 mil toneladas.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia. No estado, na região centro-norte, as lavouras de segundo ciclo foram beneficiadas com as chuvas da última quinzena de outubro, o que também permitiu o manejo das áreas para renovação e implantação de novas áreas.

Os agricultores estão realizando a limpeza (roçagem) das lavouras de segundo ciclo, e preparando o solo para implantar as novas áreas nas próximas semanas. O valor do grão no mercado permanece atrativo para o agricultor.

A intenção de alguns agricultores em implantar o sistema de irrigação para mamona diminuiu com o reajuste das tarifas de energia, sendo considerado inviável nas taxas atuais.

SORGO

Para a safra total 2021/22, a previsão é uma estabilidade na área plantada e uma produção acima de 2 milhões de toneladas, sendo 18% maior que na safra passada.

No Piauí, a lavoura de sorgo no estado é plantada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. O plantio ocorre entre o final de março e início de abril. Por ser uma cultura mais rústica e que apresenta menor

exigência hídrica que o milho, alguns produtores optaram por investir nesta cultura. O planejamento de área para esta cultura ainda está indefinido.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta destina-se para a ração animal (forragem).

Como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área com estabilidade de 600 hectares.

No Maranhão, a cultura do sorgo é cultivada na região sul do estado após a colheita da soja e o plantio de milho safrinha.

Dessa forma, o plantio da cultura será realizado entre o final de fevereiro e março de 2022. Até o presente levantamento, devido ao menor interesse de cultivo, a área total semeada permanece com 9,8 mil hectares.

Na Bahia, para o sorgo primeira safra, as áreas que serão semeadas devem ser beneficiadas com o aporte hídrico atual. O plantio deve ser iniciado na primeira semana de novembro. Por se tratar de uma cultura alternativa ao milho em situações de clima desfavorável, a permanência das chuvas pode diminuir a área do sorgo na região, visto que muitos produtores podem escolher implantar milho nas áreas anteriormente destinadas ao sorgo.

Na região centro-norte, o clima mais favorável pode incentivar os produtores em investir no milho em detrimento ao sorgo. No entanto, a perspectiva de área permanece a mesma, até o momento, com perspectiva de aumento da produção em virtude das chuvas. A lavoura do sorgo é utilizada como alternativa ao milho em situações de clima menos

favorável. Contudo, mesmo com o cenário de boas chuvas e previsão de permanência até o final do ano, os agricultores separam as áreas para implantação da lavoura do grão. A semeadura das áreas de sorgo deve iniciar somente em novembro.

No extremo-oeste, o plantio de segunda safra é esperado para março de 2022. Por ser um grão substituto ao milho na composição da ração de aves, suínos e bovinos, o sorgo tem tendência de alta na demanda e alta nas cotações, acompanhando a tendência mercadológica do milho, além da lavoura do sorgo ter menor exigência hídrica, o que é uma característica vantajosa, pois o ciclo de segunda safra de sequeiro no cerrado da Bahia tem oferta limitada de chuvas.



Foto 13 - Expedição de Sorgo em Uruçuí - PI

Fonte: Conab.

Para mais informações sobre o progresso da safra das demais culturas de verão, [clique aqui](#).



OUTRAS CULTURAS DE INVERNO

AVEIA-BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, a colheita do cereal está finalizada, nesta safra. De maneira geral, as chuvas registradas durante o ciclo foram irregulares, e houve incidência de geadas em muitas lavouras, afetando principalmente àquelas plantas que estavam em estágio reprodutivo. Assim, a produtividade média foi um pouco inferior à obtida em 2020, que também foi considerada uma temporada abaixo do potencial produtivo da cultura devido a intempéries climáticas. Vale ressaltar que houve perdas importantes ocorridas em algumas lavouras em virtude das geadas mais fortes. Cerca de 4 mil hectares deixaram de ter seus grãos colhidos e passaram apenas para cobertura de solo, diminuindo a área estadual com o cultivo.

No Paraná, as chuvas recentes dificultaram as operações de colheita, mas, ainda assim, 88% da área estadual foi colhida até o final de outubro. De maneira geral, as intempéries climáticas registradas ao longo do ciclo (estiagem e geadas) reduziram o rendimento da cultura, que apresentará um resultado abaixo do seu potencial.

Das lavouras ainda não colhidas, sua maior concentração está nas regiões central, leste e sudoeste do estado, uma vez que 68% delas são consideradas em boas condições.

No Rio Grande do Sul, as chuvas passaram a ser mais frequentes nas últimas semanas, inclusive dificultando parte das operações de colheita

da aveia, pois inviabilizava a secagem dos grãos para o ponto de colheita. Apesar disso, 10% da área estadual já foi colhida, estando o restante das lavouras com 85% em maturação e 5% em enchimento de grãos.

Esse excesso de umidade pode ter causado uma sensível redução na qualidade do produto colhido, já que favoreceu a infecção dos grãos por fungos de final de ciclo, como a giberela. Também foram verificados relatos de acamamento, resultado de uma série de eventos de tempo severo ocorridos. A produtividade das primeiras lavouras tem variado muito, reflexo da própria estrutura de produção da aveia, em que há uma ampla variação de tecnologias empregadas. Enquanto alguns produtores focam na obtenção de bons resultados, com aplicação de insumos e tecnologias, outros apenas realizam a semeadura com o mínimo necessário para a cultura, e basicamente “colhem o que dá”.

QUADRO 8 - HISTÓRICO DAS CONDIÇÕES HÍDRICAS E DE TEMPERATURA E POSSÍVEIS IMPACTOS NAS DIFERENTES FASES DA CULTURA NAS PRINCIPAIS REGIÕES PRODUTORAS DO PAÍS

Legenda - Condição hídrica			
			
			
			

UF	Mesorregiões	Aveia - Safra 2021											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
PI	Centro Ocidental Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
BA	Norte Central Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					PS	S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C	
PR	Oeste Paranaense					S/E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						S	E/DV	DV/F	F/EG	EG/M	M/C	C
	Noroeste Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		
RS	Nordeste Rio-grandense						S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					S	E/DV	DV/F	F/EG	M/C	C		

Legenda: (PS)=pré-semeadura; (S)=semeadura; (E)=emergência; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (EG)=enchimento de grãos; (M)=maturação; (C)=colheita.

Fonte: Conab.

CANOLA

No Paraná, as geadas provocaram prejuízos às lavouras que estavam em floração e frutificação. O reflexo disso é a redução na estimativa de produtividade média em relação ao potencial produtivo da cultura e também em comparação com a safra passada. Soma-se a essa questão, os baixos índices pluviométricos registrados em parte do ciclo, também comprometendo o desenvolvimento do grão.

Atualmente, 74% das lavouras estão colhidas, e a perspectiva é que as áreas a serem ceifadas, por terem tido uma semeadura mais tardia, tenham sido menos impactadas pelas intempéries climáticas, podendo melhorar a média do rendimento.

No Rio Grande do Sul, a colheita da canola evoluiu bastante em outubro, alcançando 50% da área total colhida. As lavouras remanescentes se encontram em final de maturação (37%) e enchimento de grãos (13%).

Tem sido verificado uma grande variabilidade nos resultados obtidos com a canola na atual safra, tanto no estado, como um todo, como localmente. Nas Missões, principal região produtora, temos um nível de perdas de cerca de 20% em relação ao potencial inicialmente previsto, resultado da estiagem ocorrida no inverno e da incidência de geadas, enquanto que no oeste do Planalto Médio e no Alto Uruguai a produtividade está dentro do normal esperado. Já no leste do Planalto Médio os rendimentos visualizados estão bem elevados. Mesmo dentro das regiões há variações de mais de 50% entre lavouras com datas de semeadura diferentes.

CENTEIO

No Paraná, a ocorrência das geadas não afetou drasticamente a produtividade estimada para a cultura, já que ela apresenta uma maior rusticidade, com um sistema radicular mais profundo e bem desenvolvido, resistindo bem a condições climáticas adversas. Além disso, a safra deve confirmar aumento na área plantada, especificamente na região sudoeste do estado, em comparação ao ano anterior. O cultivo do centeio tem sido considerado uma boa opção entre os cereais de inverno, pois traz muitos benefícios para o solo, como sua palhada farta e de qualidade, o que propicia uma ótima cobertura.

CEVADA

No Paraná, as lavouras se encontram, em sua maior parte, na fase de maturação, com 56%. A colheita alcançou outros 30% da área total e o restante está em fase de enchimento de grãos. De maneira geral, as condições das lavouras são consideradas entre média e boas, com predomínio de 78% para a última. No entanto, algumas delas foram atingidas pelas geadas e foram “queimadas” pelo evento climático, sendo as que estavam entrando em floração as mais afetadas. As lavouras que podem ser classificadas como ruins (1%) foram afetadas pelas menores quantidades de chuvas, registradas durante parte do ciclo desta cultura, bem como, os atuais altos índices de precipitação que estão prejudicando a qualidade do produto, nos campos de cevada que já estão maduros e prontos para serem colhidos, inclusive atrasando e prejudicando as operações de colheitas.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas recentes foram consideradas

desfavoráveis à cultura, especialmente em razão do excesso de dias com alta umidade, algo que propicia maior incidência de doenças nas espigas, principalmente a giberela, que deprecia a qualidade dos grãos colhidos. Em especial, para a cevada cervejeira, isso aumenta a presença da vomitoxina (DON), fator antinutricional que limita seu uso para o consumo humano e animal. A colheita foi recém-iniciada, chegando a 7% da área total, mas o avanço deve ser rápido, visto que 73% das lavouras remanescentes já estão em maturação. Embora a perda na qualidade e também na produtividade esperada em virtude das condições de final de ciclo, a estimativa ainda é para uma boa safra, com números superiores àqueles alcançados em 2020.



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL